

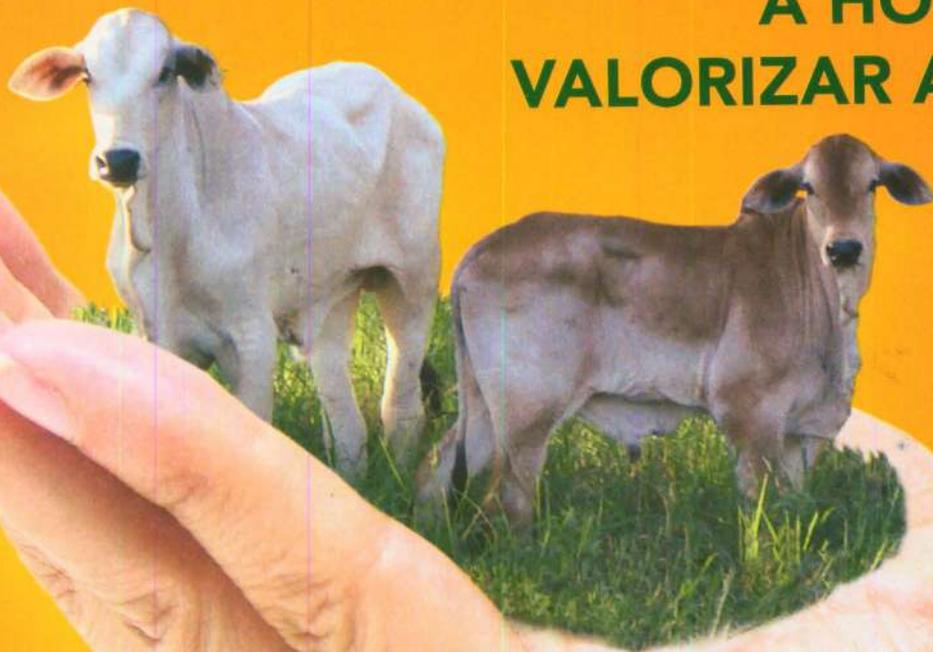
NOTICIÁRIO

TORTUGA

EDIÇÃO 453 . ANO 52 . SET/OUT 2007

REPRODUÇÃO

A HORA DE VALORIZAR A CRIA



Leite: momento
de programar lucro

Homenagem:
João Osmar: o homem
que entende de boi

Saúde: cuidados na aplicação de injeções

EDITORIAL

Qualidade é o que nos move

Caros amigos,

O mundo muda rapidamente. O que é realidade hoje pode perder sua validade em futuro próximo. Em nosso negócio (nutrição e saúde animal), mais do que uma constatação, ajustar-se aos novos tempos e às novas demandas e exigências é uma obrigação, um desafio fantástico que leva nossos profissionais aos laboratórios, aos centros experimentais e ao campo para buscar, inovar, inventar.

Trago esse assunto à discussão porque a Tortuga conquistou recentemente mais um prêmio desejado, que faz sentido quando se fala de evolução. Não se trata de um novo produto ou de uma nova formulação. Nem é mais uma invenção de nosso vasto repertório nos últimos 53 anos. É um simples conjunto de procedimentos.

Mas procedimentos decisivos, que fazem a diferença. Estou me referindo à certificação Nível 3, do programa Food & Safety, do Sindrirações. A Tortuga é a única indústria de suplementos minerais a ter essa chancela. Trata-se de um certificado que comprova nossas boas práticas de produção, o cuidado com os riscos e pontos críticos do processo produtivo e a adequação de tudo isso ao protocolo EurepGap, simplesmente o mais detalhado e exigente procedimento de qualidade e segurança alimentar da atualidade em todo o mundo.

Isso significa que os suplementos minerais da Tortuga enquadram-se no processo de rastreabilidade total e o seu uso possibilita aos produtores rurais ter acesso ao mercado europeu, aquele que melhor remunera as proteínas animais, mas, ao mesmo tempo, aquele que mais cobra procedimentos e práticas.

Parabéns à equipe da Tortuga, parabéns aos nossos clientes e parceiros e parabéns ao Brasil. Juntos, trabalhamos em conjunto para perseguir a liderança na produção e no fornecimento de proteínas animais em termos globais. E, modestamente, nossa empresa acaba de dar um pequeno, mas sólido e imprescindível passo no caminho da qualidade.

Boa leitura

MAX FABIANI
Presidente da Tortuga

CARTAS & E-MAILS

Agradecimento 1

Temos recebido periodicamente o Noticário Tortuga e, em nome da Associação Comercial dos Moradores do Povoado Pedro Lino, quero agradecer a gentileza que esta conceituada empresa vem tendo com a associação. WASHINGTON FERNANDES FARIAS Barra do Menedes, BA

Agradecimento 2

Escrevo para agradecer o envio ininterrupto do Noticário Tortuga há mais de três anos. Sou técnico agrícola e a publicação é de grande valia como fonte de atualização e conhecimento no que tange à pecuária. Parabéns! JOSENILTON MATOS DIAS Téc. Agrícola, Jequié (BA)

Solicitação

Senhores, sugiro que as cotações do boi gordo sejam expressas em reais e não em dólar. AGNALDO ALVES

NT. As cotações em dólar objetivam fornecer aos pecuaristas e ao mercado um parâmetro conhecido de evolução histórica da arroba do boi gordo. Na mesma página 3 do Noticário Tortuga, publicamos a coluna "Mercado" com cotações de vários produtos agropecuários, inclusive o boi gordo, em reais.

Suinocultura e meio ambiente

Sou fazendeiro e cliente Tortuga no interior de Goiás, logo recebo as revistas. É excelente o trabalho da assessoria de comunicação da empresa. Ao ler o Noticário Tortuga, edição 451 (Mai/Jun 2007), págs. 08 e 09, com título "Suinocultura com preocupação ambiental da família Colombari", fiquei muito interessado em conhecer melhor o projeto, pois minha fazenda tem o mesmo tamanho de área e gostaria de inteirar-me mais, pois, como a assistência técnica é feita pela Tortuga, poderia implementá-lo na minha propriedade. Até pensei em deslocar-me à cidade no Paraná, mas são 1.750 Km de ida e o mesmo de volta da minha cidade. Por isso, opto por tentar via internet para poupar este desgaste! Quem na empresa poderá fornecer esta informação e viabilizar a orientação? Vocês têm o contato desta família? Veja o quanto pode me ajudar, por favor. FABRICIO KAFURY

NT. Caro Fabricio, obrigado por suas palavras elogiosas. Um profissional da Tortuga que atende a propriedade da família Colombari, no Paraná, entrará em contato com você para fornecer todas as informações solicitadas. Esperamos que também tenha o mesmo sucesso.

CORREÇÃO

A redação correta da chamada publicada à página 29, do Noticário Tortuga 452, é a que se segue: Para o período da seca, é importante ter a consciência da drástica queda dos teores de proteína e da maioria dos minerais no capim

CORREÇÃO 2

O gráfico correto para identificar a eficácia do vermífugo é o abaixo e não o publicado à pág. 18, do Noticário Tortuga 452. Agradecemos ao médico veterinário João Marcos S. Malucelli (Senar, PR)

Opg antes - Opg depois x 100
Opg antes

MERCADO

	Outubro 2006	Outubro 2007
Boi Gordo (@)	R\$ 62,88	R\$ 62,62
Suíno (@)	R\$ 37,00	R\$ 47,00
Frango Vivo (kg)	R\$ 1,50	R\$ 1,60
Ovos Bco Ext. (30 dz)	R\$ 30,70	R\$ 40,70
Leite B (litro)	R\$ 0,56	R\$ 0,81
Leite C (litro)	R\$ 0,55	R\$ 00,79
Milho (saca)	R\$ 18,00	R\$ 23,50
Soja (saca)	R\$ 29,10	R\$ 39,00

fonte: Canal Tortuga

Preços ao produtor Base São Paulo

1US\$ = R\$ 1,82

EDIÇÃO 453
SET/OUT 2007

Boi Gordo (dólares por arroba)

	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
JAN	23,03	24,11	20,13	23,28	20,98	18,94	16,28	21,01	21,93	22,02	25,07
FEV	23,84	23,95	16,95	22,53	20,00	19,17	16,15	19,74	22,77	23,72	26,06
MAR	24,60	24,25	17,15	22,10	19,15	18,75	16,53	20,30	21,85	23,83	27,49
ABR	24,52	24,10	18,59	21,62	19,40	18,53	18,11	20,65	22,09	23,94	27,48
MAI	24,41	23,08	18,12	20,48	17,85	16,93	18,20	19,71	22,84	22,58	29,23
JUN	24,20	23,38	17,28	21,56	17,47	15,84	18,72	19,81	22,82	21,33	30,07
JUL	24,99	23,68	18,60	21,96	17,00	14,63	19,44	20,10	22,78	24,60	32,11
AGO	24,37	23,90	17,53	23,21	17,43	16,07	19,65	21,17	22,45	26,92	30,11
SET	24,23	25,40	18,70	21,20	16,09	15,26	20,52	20,76	22,72	28,55	35,07
OUT	25,45	23,56	20,31	23,16	17,51	14,71	20,96	21,00	25,27	26,85	34,07
NOV	24,38	24,30	21,76	21,56	18,08	16,49	20,94	22,66	25,79	24,83	
DEZ	25,13	23,64	22,59	20,88	19,04	16,25	22,05	22,05	22,80	24,66	

NESTA EDIÇÃO

- 08 PRÊMIOS "A GRANJA DO ANO" E "OS MELHORES DO AGRONEGÓCIO"
- 21 SISBOV EM MOMENTO DECISIVO
- 24 DR. JOÃO OSMAR
- 25 NASCE O INSTITUTO TORTUGA
- 30 IATF GANHA ESPAÇO
- 35 PASTAGENS PARA EQUINOS
- 48 HISTÓRIA

Artigo publicado no Noticiário Tortuga, em 1961, e escrito pelo dr. Fabiano Fabiani, fundador da Tortuga, discute "Como obter lucro criando suínos".

- 02 Editorial, Cartas & E-mails
- 04 Entrevista
- 06 Panorama
- 11 Qualidade
- 21 Foco
- 28 Tecnologia
- 42 Inovação



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

www.noticiariotortuga.com.br

NOTICIÁRIO TORTUGA

Noticiário Tortuga é o veículo de comunicação oficial da Tortuga Cia. Zootécnica Agrária, publicado desde 1954.

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Paulo Cezar de Macedo Martins (CRMV-MG 1431)
PRODUÇÃO EDITORIAL
Texto Assessoria de Comunicações
JORNALISTA RESPONSÁVEL
Altair Albuquerque (MTb 17.291)
EDITOR
Marcio Mingardo
REDAÇÃO
Julio Ibelli, Vivian Sousa e Nelson Moreira (RS)
FOTOS
Texto Assessoria de Comunicações,
Arquivo Tortuga
PROJETO GRÁFICO
IDE2 identidade . design . estratégia
TIRAGEM: 100 MIL EXEMPLARES

Fale com a Redação:
E-MAIL: IMPRESA@TEXTOASSESSORIA.COM.BR
TELEFONE: (11) 2198-1888

Tortuga Cia. Zootécnica Agrária
Av. Brig. Faria Lima, 2.066 - 13º andar | São Paulo - SP
CEP 01452-905 | Tel.: (11) 2117-7700 | Fax: (11) 3816-6122
E-mail: noticiario@TORTUGA.com.br | SAC 0800 011 6262

ENTREVISTA

"O BOM MOMENTO DO LEITE VEIO PARA

Palavras de Jorge Rubez (Leite Brasil), para quem a escassez mundial vai continuar, abrindo mais espaço para o nosso leite.

O presidente da Leite Brasil, Jorge Rubez, é um dos mais atuantes representantes dos produtores de leite no País. Com larga trajetória à frente da entidade, viveu de perto os problemas da atividade nos últimos anos e também está animado com as novas perspectivas, a partir da melhoria dos preços aos produtores. "O Brasil ainda tem importante papel a representar no cenário internacional", avisa o dirigente, em entrevista exclusiva ao Noticiário Tortuga.

"NOSSO CUSTO DE PRODUÇÃO É UMA VANTAGEM COMPETITIVA NO MERCADO MUNDIAL"

Noticiário Tortuga - Em termos concretos, 2007 caminha para se tornar um ano histórico para o setor de produção de leite e derivados no Brasil. Que fatores foram determinantes para essa reviravolta?

Jorge Rubez - Em ordem de importância, os principais fatores que motivaram o crescimento do setor de lácteos no Brasil foram a recuperação dos preços ao produtor, o superaquecimento no mercado internacional em função da escassez e o aumento do consumo no mercado interno. O importante é aproveitar esse cenário positivo para consolidação de uma posição que permita ao Brasil crescer cada vez mais em termos de consumo e exportação de seus excedentes.

Noticiário Tortuga - Os números indicam crescimento médio de 4% na produção de leite em 2007. O que isso pode representar em termos de aumento de participação no mercado externo?

Jorge Rubez - O balanço final do ano será positivo, com crescimento na produção, aumento de 2% nas importações, mas um índice expressivo nas exportações: algo em torno de 50%. Trata-se de recorde na participação do Brasil no comércio internacional. Mesmo assim, ainda continuamos pequenos, com no máximo 3% de nossa produção vendida ao exterior. Este percentual poderia ser mais expressivo caso houvesse mudanças cambiais.



FICAR"



Noticiário Tortuga - O cenário internacional do leite apresenta perspectivas bastante favoráveis para países como o Brasil, que possuem excedentes e estão interessados em exportar. Mesmo considerando o protecionismo dos países concorrentes, como podemos nos aproveitar desse momento?

Jorge Rubez - Em termos de mercado mundial, as perspectivas são realmente favoráveis aos países da América do Sul, pois tudo indica que faltará leite no mundo e a demanda de nações, como China e Índia, deverá crescer de forma significativa nos próximos anos. Esse aumento esperado no consumo terá efeito positivo duplo no produtor de leite brasileiro, que passa a receber melhor remuneração. Será a grande oportunidade para o Brasil, que tem o leite mais barato do mundo. Não podemos deixar passar esse momento, ainda mais agora que o produtor de leite apresenta crescimento em qualidade e em produtividade.

Noticiário Tortuga - Hoje, é possível observar forte descentralização da produção leiteira, com importantes bacias leiteiras se formando em localidades mais próximas às regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Como o senhor vê esse fenômeno?

Jorge Rubez - É o mercado que determina de forma geral os caminhos.

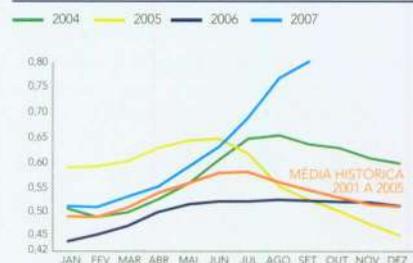
A atividade econômica enfrenta as soluções para seu desenvolvimento, a despeito da vontade dos agentes econômicos. No caso do leite, foram várias as razões que contribuíram para essas mudanças. Dentre elas, o menor custo de produção em regiões mais distantes. Ao mesmo tempo, São Paulo continua sendo o grande consumidor de lácteos e, nesse caso, estamos aumentando a distância que os caminhões percorrem para trazer o produto aos pontos de venda.

Noticiário Tortuga - Mesmo com todas as dificuldades históricas, o produtor de leite brasileiro nunca deixou de investir em tecnologias. O que isso representa em termos de melhoria na produção?

Jorge Rubez - A grande maioria é de pequenos produtores. Eles representam cerca de 90% do total e respondem por 34% da produção. É a minoria que produz a maior parcela do leite do Brasil. É esse nicho que investe nas tecnologias que determinam o crescimento da produção.

Noticiário Tortuga - A partir do plano safra 2007/08, o agricultor familiar que também trabalha com gado leiteiro passa a contar com ajuda bem mais efetiva do governo federal em termos de financiamento, políticas de garantia de preço mínimo e assistência técnica

SÉRIE DE PREÇOS MÉDIOS PAGOS AO PRODUTOR - DEFLACIONADA DO IPCA (MÉDIA DE RS, SC, PR, SP, MG, GO E BA)



FONTE: CEPEA/ESALQ-USP

por meio da extensão rural. O que esse pacote trará de vantagens concretas à atividade como um todo?

Jorge Rubez - Desde o início do governo Lula, os agricultores familiares vêm recebendo ajuda federal, o que é muito bom, pois melhora a renda dessas famílias. Mas, na área comercial é preciso propiciar-lhes outros caminhos para o crescimento na produção de leite, como melhorias em genética e na qualidade, em infra-estrutura, em assistência técnica para formação de cooperativas de pequenos produtores. É preciso abrir uma porta para que o assistencialismo não se perpetue. NT

PANORAMA

FREIO DE OURO 2007:

Santa Edwiges e Santa Thereza são os grandes vencedores

Bonita (fêmea) e Senhor (macho) são os campeões da mais tradicional competição do cavalo Crioulo no País.

Mais de mil animais disputaram as provas Credenciadoras e Classificatórias do Freio de Ouro 2007. A tradicional competição do cavalo Crioulo foi disputada por 41 fêmeas e 44 machos. A fase final teve 16 fêmeas e 14 machos selecionados pelos jurados.

Bonita confirmou a liderança das etapas funcionais e levou para a Cabanha Santa Edwiges mais um Freio de Ouro, tendo Milton Castro como ginete. Milton levou ainda a premiação de Domador do Ano. O Ouro nos machos ficou com Senhor de Santa Thereza, que soube ganhar posições importantes sob as rédeas de Zeca Macedo.

SENHOR DA SANTA THEREZA, O FREIO DE OURO MACHO 2007, E ORACA DO ITAPORÓ, MELHOR EXEMPLAR E GRANDE CAMPEÃ FÊMEA

Estância Vendramin domina pistas

São João do Juncal Pandemônio conquistou o bicampeonato Crioulo na Expointer 2007. A Estância Vendramin, de Aldo Vendramin, teve mais motivos para festejar. A propriedade levou para o Paraná outros títulos importantes: Oraca do Itaporó foi a grande campeã e também o melhor exemplar da raça da Expointer 2007. A Exposição da raça Crioula reuniu 154 animais, sendo 70 machos e 84 fêmeas. NT

OS MELHORES DO ANO

FREIO DE OURO MACHOS SENHOR DE SANTA THEREZA, de Marcelo da Costa Gamborgi - Fazenda Capão da Lagoa, Porto Alegre (RS). Ginete: José Fonseca Macedo

FREIO DE OURO FÊMEAS BONITA DE SANTA EDWIGES, de Daniel Anzanello - Cabanha Santa Edwiges, São Lourenço do Sul (RS). Ginete: Milton Castro

FREIO DE PRATA MACHOS BUTIÁ OLODUM, de Sementes e Cabanha Butiá Ltda, Passo Fundo (RS). Ginete: Marcelo Bertagnoli

FREIO DE PRATA FÊMEAS TIMBAÚVA 213 MAUFER, de Mauricio e Fernando Lampert Weiland - Cabanha Maufer, Cruzeiro do Sul (RS). Ginete: Nei Eduardo Rodrigues Lima

FREIO DE BRONZE MACHOS CAMPANA FARRAPO, de Luiz Mierczynski Neto - Cabanha Três Pontas, São Jerônimo (RS). Ginete: Marcelo Quadros

FREIO DE BRONZE FÊMEAS INFÂNCIA DO ITAÓ, de Cássio Souza Bonotto - Cabanha Itaó, Santiago (RS). Ginete: Cláudio dos Santos Fagundes

OS MELHORES DA EXPOINTER

MELHOR EXEMPLAR, GRANDE CAMPEÃ E CAMPEÃ ÉGUA MENOR:

ORACA DO ITAPORÓ, de Aldo Vendramin - Estância Vendramin, Ponta Grossa (PR)

RESERVADA GRANDE CAMPEÃ E CAMPEÃ ÉGUA ADULTA:

JA ALGAZARRA, de Daniel Anzanello - Fazenda Santa Edwiges, São Lourenço do Sul (RS)

TERCEIRA MELHOR FÊMEA E RESERVADA CAMPEÃ ÉGUA ADULTA:

PONTE-SUELA DO PURUNÁ, de Mariano Lemanski - Estância São Rafael, Balsa Nova (PR)

QUARTA MELHOR FÊMEA E CAMPEÃ POTRANCA MENOR E MELHOR COLA:

RZ RENDA LINDA DA CARAPUÇA, de Rubens Elias Zogbi - Estância da Carapuça, Itararé (SP)

GRANDE CAMPEÃO E CAMPEÃO CAVALO ADULTO:

SÃO JOÃO DO JUNCAL PANDEMÔNIO, de Aldo Vendramin - Estância Vendramin, Ponta Grossa (PR)

RESERVADO GRANDE CAMPEÃO E RESERVADO CAMPEÃO CAVALO ADULTO:

GENERAL II DA CAMILA, de Manoel Francisco Zirbes Rodrigues - Cabanha Santa Camila, Barra do Quaraí (RS)

TERCEIRO MELHOR MACHO, CAMPEÃO CAVALO MENOR, MELHOR COLA E MELHORES APRUMOS:

MARAGATO DOS ALPES, de Leonardo Pereira Dias - Cabanha Pôr do Sol, Gramado (RS)

QUARTO MELHOR MACHO E CAMPEÃO POTRANCO MENOR:

SUPREMA ATROPELO, de Cabanha El Caminante, Guaíba (RS)



30ª Expointer confirma RECUPERAÇÃO DA PECUÁRIA GAÚCHA

Faturamento com venda de animais cresceu 30,7% em relação a 2006, devido aos melhores preços da carne bovina e do leite no Rio Grande do Sul.



TORTUGA TEVE DOIS ESTANDES: UM VOLTADO À PECUÁRIA LEITEIRA E OUTRO À PECUÁRIA DE CORTE



FOTOS: TEXTO

Sucesso de público e de negócios, a 30ª Expointer comercializou 2.558 animais, com faturamento total de R\$ 9,66 milhões. Segundo dados da Secretaria Estadual da Agricultura, Pecuária e Agronegócio (Seapa), esse resultado é 30,7% maior que o registrado em 2006 (R\$ 7,39 milhões).

De acordo com o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, João Carlos Machado, os dados apontam para a retomada do crescimento do mercado e a recuperação do *status* da pecuária no Rio Grande do Sul. "Todo o trabalho de recuperação da qualidade do rebanho gaúcho, principalmente na área da sanidade animal, está refletido nessa reação positiva dos compradores na 30ª Expointer. Vivemos um momento de valorização que gera ganhos para todos os produtores e criadores", destaca Machado.

A Tortuga deu sua contribuição ao sucesso da Expointer, participando em grande estilo. A empresa montou dois estandes na exposição: um no pavilhão de leite e um ao lado do pavilhão de gado de corte. Para o gerente regional Erich Fuchs, a estratégia mostrou-se muito positiva. Tanto Fuchs quanto o outro gerente da Tortuga no Rio Grande do Sul, Luiz Biacchi, destacam o grande volume de visitas (cerca de 2 mil clientes) e o fechamento de negócios na feira.

Biacchi ressalta, ainda, o lançamento do calendário de mineralização, uma novidade apresentada aos clientes. Ele cita a busca de novidades pelos produtores, que precisam de alternativas para melhorar a produtividade dos rebanhos. "A visão investidora dos pecuaristas gaúchos chama a atenção. Eles estão focados no aumento da produtividade". NT

CLIENTES TORTUGA VENCEDORES NA EXPOINTER 2007

ERIVON SILVEIRA ARAGÃO,
CABANHA SURGIDA – RIO PARDO (RS),
GRANDE CAMPEÃO E
GRANDE CAMPEÃ TEXEL SUC.

ERNANI KURTZ DE OLIVEIRA,
CABANHA SANTO IZIDRO –
DILERMANDO DE AGUIAR (RS),
GRANDE CAMPEÃ CHAROLÉS

EDGAR CANDIA,
PONTAL AGROPECUÁRIA LTDA –
CANGUÇU (RS), GRANDE CAMPEÃ
SANTA GERTRUDIS

AGROPECUÁRIA SÃO CARLOS LTDA,
CABANHA TOURO PASSO –
URUGUAIANA (RS),
GRANDE CAMPEÃ HEREFORD.

LUIZ GONZAGA XAVIER MARAFIGA,
CABANHA SÃO JOSÉ –
DILERMANDO DE AGUIAR (RS),
GRANDE CAMPEÃ NELORE

DANIEL ANZANELLO,
CABANHA SANTA EDWIGES –
SÃO LOURENÇO DO SUL (RS),
FREIO DE OURO FÊMEAS

ALDO VENDRAMIN,
ESTÂNCIA VENDRAMIN –
PONTA GROSSA (PR),
GRANDE CAMPEÃO E
GRANDE CAMPEÃ CRIOULO

LIDERANÇA RECONHECIDA *pelo mercado*

Tortuga foi escolhida pelos leitores da revista A Granja como a melhor em nutrição animal e pela revista Globo Rural, em parceria com a Serasa, como a melhor do agronegócio em saúde animal.

No final de agosto, o presidente da Tortuga Max Fabiani recebeu das mãos do secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul, João Carlos Machado, o prêmio "A Granja do Ano" em nome da empresa. Promoção da Revista A Granja, a premiação reconhece a Tortuga como melhor empresa da do segmento de nutrição animal do País.

Com esta homenagem, a Tortuga chega a sete troféus A Granja do Ano.

Em cinco ocasiões, venceu na categoria nutrição animal; nas demais foi destaque entre os fabricantes de produtos para saúde animal.

Em setembro, Max representou a empresa na premiação Os Melhores do Agronegócio, iniciativa da revista Globo Rural e da Serasa. A Tortuga foi eleita a melhor em produtos veterinários. Em três edições, foi o segundo prêmio da empresa, entregue pelo editor-chefe da Globo Rural, Paulo Soares.

Max Fabiani ressalta que estas premiações, que se somam a outras recebidas pela Tortuga em 2007, reconhecem todo o investimento da empresa há 53 anos, marcado por inovações, como a introdução do sal mineral na pecuária brasileira, o desenvolvimento do suplemento Fosbovi, a tecnologia dos minerais orgânicos (quelatos, transquelatos e Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos), o Programa Boi Verde – que



MAX RECEBE "A GRANJA DO ANO" DO SECRETÁRIO DE AGRICULTURA DO RS, JOÃO CARLOS MACHADO

representa o fornecimento de suplementação mineral para o gado de acordo com as idades e as necessidades e a linha de saúde animal, resultado da mais moderna tecnologia e cada vez mais completa. NT

**"A MAIOR SATISFAÇÃO
É VER A TORTUGA SER
RECONHECIDA PELOS
PRODUTORES, TÉCNICOS,
DEMAIS PROFISSIONAIS E
ANALISTAS DE MERCADO
POR SUA EFICIÊNCIA,
QUALIDADE E PRESTAÇÃO
DE SERVIÇOS"**

MAX FABIANI

O PRESIDENTE DA TORTUGA E O EDITOR-CHEFE DA REVISTA GLOBO RURAL NA ENTREGA DO PRÊMIO "OS MELHORES DO AGRONEGÓCIO"



José Olavo assume comando da ABCZ

O médico e pecuarista José Olavo Borges Mendes é o novo presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) para mandato de dois anos. Esta é a terceira vez que José Olavo assume o comando da entidade.

Entre os pontos centrais de sua gestão, José Olavo de Borges Mendes destaca a importância de impulsionar o Pró-Genética, programa de melhoramento genético do rebanho nacional. Da mesma forma, o pecuarista apóia a criação do Consecarne, conselho que seguirá as premissas que norteiam o já edificado sucesso do Consecana. "Com a criação do Consecarne, teremos mais união da cadeia produtiva da carne. O objetivo é valorizar as carcaças de melhor qualidade e remunerar melhor o pecuarista por elas", explica José Olavo. Nesse sentido, aliás, a nova diretoria da ABCZ trabalhará para unir a bancada ruralista do Congresso Nacional em torno dos assuntos primordiais para o crescimento da agropecuária, tais como redução de impostos e apoio institucional para o marketing dos produtos brasileiros, seja aqui ou no

exterior.

José Olavo entende que, dessa forma, não só o pecuarista sai ganhando, mas toda a cadeia, pois os produtos certamente serão ainda melhores. "O produtor não se preocupa com a forma com que marca o boi, porque não recebe pelo couro nem um centavo a mais por isso. Animais de alta qualidade de carcaça muitas vezes recebem a mesma valorização que animais inferiores porque, hoje, o produtor ainda é pago pelo peso do animal e não pela qualidade", ressalta.

José Olavo já trabalha para que a ABCZ seja a detentora do banco de dados do Sisbov, sistema que controla a certificação e identificação de bovinos e bubalinos no Brasil, que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento decidiu passar à iniciativa privada. "A ABCZ já é delegada do MAPA para fazer os registros genealógicos dos zebrúinos e possuímos estrutura e pessoal qualificado para esse trabalho", afirma.

A área técnica da ABCZ também merecerá prioridade da nova gestão. "Esse é o carro-chefe da entidade. "As feiras são importantes termômetros da qualidade dos animais, mas é preciso valorizar ainda mais as

CONHEÇA TODOS OS NOVOS DIRIGENTES DA ABCZ (GESTÃO 2007/2009)

PRESIDENTE:
JOSÉ OLAVO BORGES MENDES

1º VICE-PRESIDENTE:
JONAS BARCELLOS CORREA FILHO

2º VICE-PRESIDENTE:
EDUARDO BIAGI

3º VICE-PRESIDENTE:
GABRIEL DONATO DE ANDRADE

- ABELARDO LUIZ LUPION MELO
- ÂNGELO MÁRIO SOUZA PRATA TIBERY
- CELSO DE BARROS CORREIA FILHO
- FÁBIO ZUCCHI RODAS
- FREDERICO DIAMANTINO BONFIM E SILVA
- GABRIEL PRATA REZENDE
- JOSÉ RUBENS DE CARVALHO
- JOVELINO CARVALHO MINEIRO FILHO
- LEILA BORGES DE ARAÚJO (primeira mulher a fazer parte da diretoria da entidade)
- LUIZ CLÁUDIO DE SOUZA PARANHOS FERREIRA
- MARCO TÚLIO ANDRADE BARBOSA
- MÁRIO DE ALMEIDA FRANCO JÚNIOR
- PAULO FEROLLA DA SILVA



JOSÉ OLAVO (À DIR.) E O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JOSÉ ALENCAR, NO EVENTO DE POSSE DA NOVA DIRETORIA DA ABCZ

TIME REFORÇADO

A equipe técnica de suinocultura da Tortuga está renovada, com novos profissionais, maior abrangência de atuação e foco ainda maior nas necessidades dos criadores.

Sob a coordenação do médico veterinário Oswaldo Fernandes Costa Jr, que assumiu a função de coordenador de mercado interno de suínos da Tortuga, a prioridade é fortalecer a atuação da equipe de campo e, assim, ampliar a participação da empresa no segmento independente, nas cooperativas e na produção integrada.

Para reforçar a equipe técnica de campo, inclusive para ampliar a prestação de serviços aos clientes e aos potenciais clientes, juntam-se ao time os assistentes técnico-comerciais Leonardo Porto de Lira, responsável pelo atendimento de Santa Catarina, e Mauricio Zancanaro, no Rio Grande do Sul. Além desses, foi incorporado ao time o técnico agropecuário Sandro Gusoni, encarregado do treinamento de gerentes de granjas-clientes.

Mas, não é só isso. A equipe de suinocultura da Tortuga conta, agora, com os médicos veterinários Ronaldo Luiz Romani (Paraná) e Danilo Souza Montes (São Paulo). Tulia Moreira Ludolfo de Oliveira também integrará o time, atuando em Minas Gerais.

“Ampliamos a equipe para demonstrar ao mercado suinícola a firme disposição da Tortuga de crescer nesse negócio. Nossa estratégia inclui, também, a intensa capacitação técnica dos novos profissionais. Por duas semanas, a nova equipe técnica teve treinamento em São Paulo, incluindo as fábricas de produtos veterinários e de suplementos minerais, passando pelo Centro de Pesquisas de Suínos (Istria), em Rio Brillhante (MS)”, informa Oswaldo Costa Jr. NT

VISITA À FÁBRICA, EM MAIRINQUE

A Tortuga reuniu suinocultores de Goiás, Rio Grande do Sul e Paraná para mostrar o processo de fabricação de suplementos minerais orgânicos, de sua unidade industrial em Mairinque, interior de São Paulo.

A visita, que envolveu a apresentação detalhada dos Carbo-Amino-Fosfo-Quelatos, tornou-se um verdadeiro fórum de discussões entre os criadores e os especialistas da Tortuga, envolvendo a utilização correta dos suplementos minerais de acordo com cada fase de vida dos suínos, o mercado da suinocultura e as recentes mudanças do setor.

A iniciativa da Tortuga foi aprovada pelos produtores, que consideraram essa ação de extrema importância para as granjas, uma vez que conheceram melhor os produtos usados na alimentação do plantel. Fabrício André Gonçalves, de Goiás, é cliente Tortuga desde 1998 e utiliza suplementos minerais orgânicos em todas as fases da criação. “Um dos principais motivos que nos fazem usar produtos Tortuga é a relação custo/benefício. Com essa visita, pude ver a organização da empresa e sua grandiosidade, o que renova nossa confiança”, explica Gonçalves.

Ademar Hofstetter, do Paraná, entende que essa oportunidade soma-se ao trabalho realizado nas granjas e à assistência da empresa, “muito importante para detectar e evitar problemas com os suínos”, diz.

EQUIPE DE SUINOCULTURA DA TORTUGA
GANHA REFORÇOS, TREINAMENTO E
AUMENTA PRESENÇA A CAMPO



QUALIDADE

Sítio do Cedro é destaque em boas práticas de produção

Propriedade de Mário Porto Fonseca, Unidade Demonstrativa da Tortuga, é destaque no Programa Boas Práticas na Fazenda DPA e recebe a certificação de Fazenda Ouro.

Localizado em Carmo do Paranaíba (MG), o Sítio do Cedro tem oito funcionários e aproximadamente 100 hectares. O Programa Boas Práticas na Fazenda começou em 2005 e a propriedade passou por *check-list* de cerca de 70 itens, como localização e acesso; higiene dos equipamentos e utensílios; alimentação do rebanho e armazenamento; manejo e bem-estar do rebanho; manejo de ordenha; armazenamento do leite; uso de produtos químicos e veterinários; manejo de efluentes e meio ambiente, além de capacitação de pessoas.

“O Programa Boas Práticas na Fazenda estimula a interação dos diversos segmentos do setor leiteiro em busca da melhoria da qualidade e segurança da matéria-prima e do aumento da compe-

titividade da cadeia leiteira nacional. Leite de melhor qualidade e sem riscos à segurança do consumidor é uma necessidade, que tem como reflexo a maior aceitação do produto no mercado, inclusive o internacional”, afirma Athaide Silva, da DPA, responsável pelo projeto na América do Sul.

O Sítio do Cedro tem como objetivo ser referência em qualidade de leite no segmento. “Acreditamos na medida implantada. Com disciplina e muito trabalho conseguimos ser mais produtivos e competitivos, além de reduzir custos, o que permitiu melhorar a remuneração dos funcionários e aumentar nossa capacidade de produção”, conta o proprietário, Mário Antônio Porto Fonseca. **NT**

PRODUTIVIDADE EM ALTA NA SÃO CRISPIM



FERNANDO ADALTO APOSTA NA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL: MAIS PRODUTIVIDADE E MELHORIA DA BIODIVERSIDADE

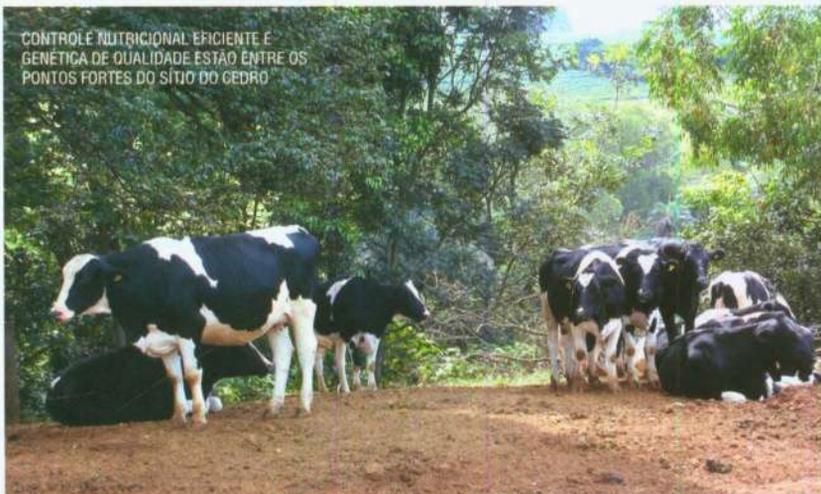
Fazenda aposta no programa de suplementação mineral da Tortuga e obtém resultados superiores em termos de ganho de peso, com custos menores.

A Fazenda São Crispim é referência na criação de bovinos Polled-Hereford, ovinos Corriedale e cavalos Crioulos.

Localizada no primeiro distrito de Lavras do Sul, em região de solo Cambai denominada Pontas do Camaquã, no Rio Grande do Sul, formava uma única empresa até o ano passado e era administrada por Fernando Adauto Loureiro de Souza, atual membro da Comissão de Pecuária de Corte da Federação da Agricultura (Farsul).

O produtor informa que, nos bovinos, principal atividade econômica, o entoure é realizado aos 2 anos, o abate até os 30 meses com bons índices e baixo custo, produzindo mais de 200 kg de boi/ha, “sistema de produção adotado e desenvolvido há quase 40 anos”, ressalta Fernando. A produção é sustentável, preservando a natureza, provocando melhoria considerável na biodiversidade da flora e da fauna nativas. O melhoramento dos campos é realizado com fertilização, diferimentos de poteiros e sobre-semeadura com azevém. Desde o ano passado, Adauto, filho de Fernando, assumiu a administração das áreas de seu pai e do tio Guilherme. Além disso, também gerencia a propriedade do avô, todos vizinhos.

CONTROLE NUTRICIONAL EFICIENTE E GENÉTICA DE QUALIDADE ESTÃO ENTRE OS PONTOS FORTES DO SÍTIO DO CEDRO



Segundo Aduino, seu tio ficou com 240 hectares e definiu que ia trabalhar na terminação de gado. Seu pai continuaria na sua especialidade, que é o ciclo completo, e ele mesmo, com boi gordo. Por influência do tio Guilherme, em 2004 introduziu a mineralização no rebanho e foi quando começou a tomar conhecimento dessa tecnologia, na prática. Pelo simples mas objetivo método de comparação, Aduino foi verificando as vantagens de utilizar os produtos Tortuga nas várias fases da criação.

Hoje, conforme diz, cerca de 320 de um total de 3 mil animais estão no programa de mineralização. Aduino diz que já é possível sentir a diferença em diversas situações. “Os terneiros, quando desmamados, têm mais de 30 kg de peso em relação aos outros”, relata. Ele acrescenta que, no período crítico de inverno, o gado não mineralizado chegou a perder cerca de 15% de peso e os suplementados não perdem, mantendo o estado corporal adequado para a época.

Entusiasmado, Aduino enfatiza, ainda, que as fêmeas ganham também no estado corporal e melhoram seu desempenho produtivo. “Também quando abato os animais, o rendimento de carcaça chega a ser 1,5 a 2% melhor e o tempo que o gado fica na pastagem é, em média, 15 dias menor em relação aos outros, além de peso de carcaça maior pelo melhor desenvolvimento, pois obtiveram ganho médio diário do desmame ao abate de 0,483 kg/cab/dia”, afirma.

O engenheiro agrônomo João Paulo Silveira, responsável pelo atendimento da São Crispim, pela Tortuga, explica que o trabalho desenvolvido na fazenda está no início e tem muito a crescer. “Os resultados obtidos até agora estão comprovando a eficiência dos produtos Tortuga. Basta analisar os ganhos de produtividade do gado. Neste ano, por exemplo, as vaquilonas de sobrano obtiveram ganho 60 kg superior às outras, não mineralizadas”, assinala, acrescentando que tal resultado está de acordo com a meta do Programa Boi Verde e a própria importância de ter resultados regionalizados para difusão do programa na região Sul. **NT**

Igarapé foca trabalho de alta produtividade

Propriedade de Igarapé Grande, no Maranhão, é comandada com muito profissionalismo e atinge índices produtivos invejáveis.

De propriedade de Naum Roberto Ryfer e localizada em Igarapé Grande (região Centro-Norte do Maranhão), a Fazenda Igarapé conta atualmente com rebanho médio de 3.700 bovinos entre cria, recria e engorda. Seu foco é a busca de alta produtividade no rebanho comercial. Para isso, possui criatório de animais elite da raça Nelore e investe na seleção em busca de fertilidade e precocidade. Esse trabalho, realizado desde o ano passado, inclui o uso da tecnologia de transferência de embriões, obtendo índice médio de 8,5 embriões viáveis por coleta, resultado que enfatiza a grande importância do uso do Fosbovi Reprodução nesse sistema.

Quanto aos índices de produtividade, atualmente o desfrute médio da fazenda gira em torno de 30% das UAs da propriedade, sendo que os animais em engorda estão sendo abatidos com média de 30 meses (Nelore) e 24 meses (cruzamento industrial), com peso médio de 520 kg, com a utilização, nesses casos, dos produtos do Programa Boi Verde.

Ciente da grande necessidade de produção e utilização das pastagens, a fazenda, que possui perto de 2.290 ha de pastagens, nas quais predominam nas áreas secas a *Brachiaria brizantha* e o ca-

pim MG5, e nas áreas úmidas os capins Tangola e Canarana, tem como prioridade o trabalho voltado à potencialização da utilização das pastagens. A área total está dividida em 150 pastos de aproximadamente 15 ha cada e lotação média de 1,14 UA/ha, com muitas aguadas de água corrente de boa qualidade e estrutura que contempla algo em torno de 100 açudes.

Além do rebanho bovino, a Fazenda Igarapé também realiza grandes investimentos na criação de ovinos, caprinos e cavalos das raças Quarto de Milha, Mangalarga Marchador e seleção de mulas de alta performance.

Para melhorar a produtividade da pecuária nacional e regional, a propriedade abriu suas portas no dia 18 de agosto para o 7º Dia de Campo, recebendo mais de 600 pessoas, entre produtores rurais, funcionários de campo e técnicos das regiões Norte e Nordeste.

A Tortuga parabeniza a Fazenda Igarapé por mais um evento de sucesso e agradece a oportunidade de levar aos participantes desse encontro muitas informações técnicas relacionadas à mineralização correta.

CÁSSIO FERNANDO CUISSI
Supervisor técnico-comercial, Imperatriz (MA)



EFICIÊNCIA PRODUTIVA É A MARCA DA FAMÍLIA BREDA

Propriedades no Sul da Bahia conseguem excelente ganho de peso com custo baixo, resultado da combinação pastagens + suplementos minerais da Tortuga.

Vinda de Linhares (ES), a família Breda chegou ao extremo Sul da Bahia por volta dos anos 1970, se estabelecendo e investindo na pecuária, além de outros setores. Hoje, investe em tecnologia para maximizar os lucros e obter melhores resultados, ciente de que a conjuntura atual exige profissionalismo e eficiência produtiva.

E é pensando dessa forma e encarando os desafios de maior produtividade na Fazenda Santa Maria II, que faz parte do conjunto de fazendas da família Breda, em Belmonte (BA), que Gilberto Breda tornou sua propriedade uma Unidade Demonstrativa da Tortuga. O conjunto de fazendas localizadas no distrito de Santa Maria Eterna realiza cria, recria e engorda (ciclo

completo), utilizando a linha Boi Verde, da Tortuga, e obtendo excelentes índices com ganho de peso.

A Fazenda Santa Maria II, capitaneada por Thiago Breda, filho de Gilberto, é acompanhada de perto, pois ele não abre mão de estar na propriedade, e toda semana está lá para ver de perto os trabalhos. Em visita ao conjunto de fazendas, observam-se animais em regime de pasto, consumindo Fosbovi Engorda, com excelentes resultados de ganho de peso, bem acima de 16 arrobas, média de peso com que os animais da região são abatidos. Um dos lotes de engorda na fazenda alcança ganhos de 1,08 kg/cab/dia no período das águas, utilizando somente Fosbovi

Engorda e com consumo médio de 108 g/animal/dia, o que confirma a eficiência produtiva da fazenda que teve, nesse lote avaliado, retorno de R\$ 17,59 para cada R\$1,00 investido em suplementação mineral. E que, segundo Thiago Breda, “não há nada no mercado que possa ser comparado a Fosbovi Engorda. Os resultados são fantásticos”. Ele ressalta que o mesmo se aplica a Foscromo.

O manejo nutricional a que o lote em avaliação foi submetido constou de pasto de *Brachiaria brizantha* e Fosbovi Engorda à vontade no cocho, ou seja, em consonância com o Programa Boi Verde. As avaliações de consumo foram feitas com a utilização da ficha de controle, cuja implantação e acompanhamento ficaram sob a responsabilidade da equipe Tortuga. A fazenda possui boa estrutura de pastos, o que permite lotação média de 1,42 UA/ha. As chuvas são regulares e bem distribuídas.

Os animais foram abatidos no Frigorífico Bertin, com ótimo rendimento de carcaça e acabamento, o que anima muito Gilberto e Thiago Breda e é valorizado pelos frigoríficos. É a Tortuga levando para o campo a tecnologia do Programa Boi Verde e, mais uma vez, contribuindo com o desenvolvimento da pecuária nacional. **NT**

FAZENDA SANTA MARIA II TEVE,
NO LOTE AVALIADO, RETORNO DE
R\$ 17,59 PARA CADA R\$ 1,00 INVESTIDO
EM SUPLEMENTAÇÃO MINERAL

Produção com *preservação ambiental*

O pecuarista Mauro Lúcio Castro Costa tornou esse sistema de produção uma realidade na Fazenda Marupiara (Tomé-Açu, PA), a 250 km de Belém.

O Estado do Pará possui o quarto maior rebanho de bovinos de corte do País, com aproximadamente 15.000.000 de cabeças, segundo dados da Adepara, atrás apenas de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás, sendo o rebanho comercial que mais cresce no Brasil. Fundamental para a saúde financeira de qualquer atividade econômica, a rentabilidade das propriedades vem sendo estudada com mais rigor e, de acordo com cada realidade, vem se adaptando a sistemas produtivos diferenciados devidamente adequados. O importante é que o pecuarista busque o ponto de equilíbrio com muito critério, provido dos diversos índices produtivos, que devem ser acompanhados em uma fazenda, podendo assim definir quanto e onde investir com racionalidade.

Este é o caso da Fazenda Marupiara. Com 549 ha de pastos, boa parte inseri-

da no sistema de pastejo rotacionado de capins Tanzânia, Mombaça e *Brachiaria brizantha*, dividido em três e quatro piquetes, a propriedade trabalha com recria e engorda de animais predominantemente anelados, com taxa de lotação média de 1,23 UA/ha/ano. Novas áreas estão sendo trabalhadas para ser incluídas no método de pastejo rotacionado, respeitando todas as etapas de um moderno programa de formação de pastagens, com o objetivo de aumentar a produtividade aos poucos, utilizando recursos da fazenda para realizar essa tarefa. O banco de dados da propriedade possui informações bastante simples e diversificadas, que permitem identificar precisamente possíveis falhas no manejo ou qualquer outro fator que atrapalhe o rendimento de cada lote em cada categoria.

Com muita experiência e conhecimento

MAURO LÚCIO (PROPRIETÁRIO DA MARUPIARA) E NEYLSÓN (TORTUGA): "FAZENDA É UMA INDÚSTRIA DE CARNE E NÃO UM ARMÁRIO DE BOIS"



acumulados com a vivência em fazenda em viagens pelo Brasil e exterior, Mauro Lúcio adaptou diversos recursos encontrados a campo e vem conseguindo índices de produtividade diferenciados e, o mais importante, com bons lucros. Cuidar bem da pastagem é fundamental, quando se fala da estrutura de uma fazenda que cria bovinos de corte em regime de pasto, sendo que na Marupiara esse trabalho é realizado com precisão por funcionários treinados. O manejo dos rotacionados respeita o comportamento de cada tipo de capim, mantendo assim sempre boa disposição de forragem no ponto ideal de colheita, o que garante dieta com volumoso de alta qualidade. Pastos bem manejados e com boa massa cobrindo o solo é o que mais ajuda a conservar os piquetes livres de plantas daninhas, o que é um problema muito sério principalmente na região amazônica, onde a precipitação pluviométrica e o calor são acima da média das outras regiões produtoras do Brasil, o que favorece as invasoras.

Na Fazenda Marupiara, a média de chuva da última década ultrapassou 3.000 mm anuais, o que influencia a escolha do capim, já que o excesso de chuvas é um dos fatores que vem causando a mortalidade da *Brachiaria brizantha* e preocupando produtores de todo o Estado. Na Marupiara, o cuidado com a pastagem começa no plantio, sendo o solo corrigido respeitando a indicação da análise laboratorial, e a quantidade de semente utilizada segue a recomendação técnica, além de levar em consideração o valor cultural, a espécie e o tempo mínimo necessário para o início do pastejo em cada situação. O custo de implantação da pastagem é de aproximadamente R\$ 1.000,00/ha. Por isso, investir na manutenção dessas áreas realizando adubações anuais é parte da estratégia de manejo e os custos dessa manutenção giram em torno de R\$ 100,00/ha, utilizando MAP. “A adubação de manutenção, além de aumentar a vida útil das pastagens, melhora significativamente a lotação e

proporciona excelente relação custo-benefício”, afirma Mauro.

As aguadas são de alta qualidade, fornecidas em tanques de concreto localizados na praça de alimentação, preservando os recursos hídricos naturais, o que assegura a qualidade da água ingerida e evita eventuais transtornos que aguadas contaminadas podem proporcionar, garantindo a saúde do rebanho e dos consumidores. A mineralização da fazenda recebe atenção especial e é toda baseada no Programa Boi Verde, sendo utilizados Foscromo, Foscromo Seca, Fosbovi Engorda, Fosbovi Seca, Fosbovi Confinamento 10 e Fosbovi Confinamento com Leveduras, estrategicamente, em formulação de rações para animais terminados no semiconfinamento no período seco.

Todos os cochos de mineral da fazenda são concretados na base, com reposição eficiente, e respeitam os critérios técnicos necessários, tais como dimensionamento, localização e estoque de mineral junto à parte interna do telhado dos cochos. Para que o resultado final corresponda ao esperado e seja traduzido em bons ganhos por ha/ano, obviamente cada animal precisa cumprir com sua parcela. O ganho individual é uma obsessão no trabalho de Mauro Lúcio. “Não admito na fazenda indivíduos ganhando pouco peso e, por isso, controlo a carga animal para que o ganho individual seja alto durante todo o ano, diminuindo significativamente a lotação no período seco, que vai de julho a novembro”. Para manter essa lotação mais uniforme ao longo do ano, foram plantados 5 ha de cana-de-açúcar para produção de mudas, visando implantar, já em 2008, o RRT (Rotacionado Racional Tortuga), que foi iniciado com apoio técnico do dr. Porto, consultor técnico da Tortuga. Essa é a alternativa mais viável para melhorar a lotação no período seco a partir da suplementação de volumoso.

O ganho compensatório é racionalmente explorado na fazenda, sendo priorizado na seca o uso de produtos ureados de baixo consumo, como Foscromo Seca

e Fosbovi Seca, nas categorias que não têm peso suficiente para ser terminadas durante a fase crítica, e o que se busca, nesse caso, é manter a flora ruminal estável. Já os animais, que, quando suplementados com ração na seca, possuem condições de abate em período máximo de 120 dias, são submetidos ao consumo de 1,5/2 kg/ração/dia, utilizando a mistura apenas de milho e Fosbovi Confinamento 10 ou Fosbovi Confinamento com Leveduras. Este manejo oferece boa rentabilidade, já que encurta o ciclo em até seis meses, o que alivia as pastagens em um período crítico e permite bom acabamento de carcaça, sendo que os animais são abatidos no momento de pouca oferta de boi gordo, quando os preços são historicamente os melhores do ano.

Todo trabalho implementado na Marupiara segue um propósito do qual Mauro Lúcio não abre mão. “Fazenda é uma indústria de carne e não um armário de bois”. A Fazenda Marupiara está preocupada com o bem-estar animal e, por isso, vem investindo em sombreamento, plantando árvores, como mogno e ipê, ao longo de todas as cercas e também em bosques estratégicos nas praças de alimentação. “Procuro fazer minha parte da porteira para dentro, investindo em produtos e serviços que tragam o maior retorno econômico, e a Tortuga, com os minerais do Programa Boi Verde, faz parte dessa filosofia”. Investindo com critérios que atendam as particularidades de cada região, buscando o máximo de eficiência, respeitando e proporcionando boa capacitação dos funcionários, que são o “insumo” mais importante em uma propriedade, a fazenda Marupiara é a comprovação de que o crescimento vertical, além de ser a melhor forma de preservação ambiental, que é preocupação constante de Mauro Lúcio, é a maneira mais inteligente e que oferece a maior rentabilidade.

É CAMPEÃO!

De promessa à realidade, a trajetória vitoriosa do touro Braford São Luiz Jakão, ou simplesmente Jakão, da Estância São Luiz, de Uruguaiiana (RS).

“Quando nasceu, ele me chamou a atenção pela profundidade, o comprimento e também sua pigmentação nos olhos. Agradei-me dele e, mesmo contrariando opiniões, resolvi investir. Tanto o Lagreca quanto o Biacchi se encantaram com o tourinho, logo em sua primeira visita. Segundo eles, o animal prometia. Assim, sem qualquer dúvida eles se tornaram seus ‘padrinhos’. E agora, ele é ‘Grande Campeão de Esteio’”. O depoimento de Jarbas Arraes, um dos proprietários da Estância São Luiz/Cabanha Pedro Surreaux, de Uruguaiiana (RS), é recheado de emoção. E com muita razão.

São Luiz Jakão, da Pedro Surreaux, já foi duas vezes Reservado de Grande Campeão na Expointer, Grande Campeão em Uruguaiiana, Alegrete e Bagé. É um touro de apenas 30 meses de idade e 1,080 kg, um exemplar de terceira geração do Braford 3/8 definido, que mostra as vanta-

gens do cruzamento Hereford e Nelore. O reprodutor descende de Anil de Campo Mourão (Nelore), Renegade Victor (Hereford) e Secretário (Braford). “Além, é claro, de toda a seleção centenária do patriarca da família Surreaux (o bisavô Pedro Surreaux), na raça Hereford”, assinala o criador.

Jarbinhas, como é conhecido o criador, é formado em arquitetura e viveu fora do campo por muitos anos. Seu sotaque carioca logo o denuncia. Mas o curso de especialização em genética animal, feito nos Estados Unidos, o credenciou para a função de “alquimista” do rebanho. Para o produtor, é importante ter animais que apresentem excelente área de lombo (AOL), bons aprumos, precocidade (EG) e fertilidade (PE = 40 cm), detalhes que Jakão apresenta muito bem. O plantel atual é composto por 654 fêmeas Braford e 102 fêmeas Hereford PO e PC, todas em produção.

A base do rebanho Braford vem do cruzamento do Nelore, de Campo Mourão, e da raça Pitangueira. Agora, Jarbinhas adquiriu touros e sêmen da Fazenda OB, que está fazendo um ótimo trabalho de seleção. Com essa genética, ele pretende cruzar suas vacas Hereford PC e iniciar nova linhagem de Braford para fazer cruzamento de linhagens Braford já definidas e diferentes em sua propriedade. “Hoje, vejo que foi correto ter feito esse cruzamento de Nelore e Hereford, pois o primeiro entra com a rusticidade (necessária aqui na nossa região) e o segundo com a qualidade de carne (exigência do mercado internacional). O que estou tentando fazer no Braford é um trabalho similar ao feito pelos neloristas, que fizeram melhorias na raça, acrescentando qualidades antes inexistentes”, afirma Jarbas.

Madrinha Tortuga - “Pelo trabalho de acompanhamento que fez, desde o nascimento do Jakão, eu considero a Tortuga a madrinha deste touro, que deve estar orgulhosa do seu afilhado”, brinca Jarbas. O criador se refere ao fato de ter adotado em sua propriedade, em 2003, o PITT – Programa de Incentivo à Tecnologia Tortuga. “Quando a propriedade participa do programa, implementamos um completo planejamento nutricional, desde a análise de solo e das pastagens, com o objetivo de analisar sua composição, a recomendação de minerais para compor a dieta do rebanho e o acompanhamento das metas e objetivos, para que eles sejam atingidos”, afirma Luiz Biacchi, gerente da Tortuga no Rio Grande do Sul. A Estância São Luiz aceitou o desafio de implantar o programa e hoje colhe os frutos. “E não foi só Jakão que ganhou. Todo o rebanho tem acompanhamento e os resultados são comprovados pelo aumento da produtividade em toda a propriedade”, finaliza Biacchi.

NT

JAKÃO, GRANDE CAMPEÃO BRAFORD DA EXPOINTER 2007



ILE DE FRANCE é a aposta da Dom Bosco, em São Paulo

Raça tradicional da região Sul ganha espaço no Sudeste devido às qualidades produtivas.

Criador Wagner Cereser amplia seu plantel.

Incorporado ao sistema de criação da Fazenda Dom Bosco, de São Miguel Arcanjo (SP), desde 2001, o plantel de ovinos Ile de France aos poucos conquista espaço no projeto da Ceragro, empresa agropecuária que integra também atividades agrícolas, de reflorestamento e de pecuária de corte. O motivo para tanto prestígio é o retorno que a ovinocultura tem proporcionado ao empresário Wagner Cereser, que aponta como grande diferencial do Ile de France sua capacidade de produzir cordeiros precoces.

A criação da Fazenda Dom Bosco, que começou pequena, com apenas 300 matrizes Ile de France, compradas em projetos de seleção nos Estados de São Paulo e Paraná, já reúne cerca de 1.200 fêmeas comerciais. São elas que servem de base aos cruzamentos com machos da mesma raça para formação do plantel de produção. A meta do projeto é estabilizar o rebanho com 3 mil matrizes em produção.

Paralelamente à criação de cordeiros comerciais, a Dom Bosco está iniciando

trabalho de melhoramento genético com a raça Ile de France, que já no primeiro ano gerou 15 reprodutores. “Esse volume, em um universo de 600 animais aproximadamente, representa 2,5%, desempenho nada ruim para um projeto que está na fase primária”, comenta o supervisor técnico da Tortuga na região, Marcelo Marteleto. De acordo com Paulo Sérgio Delaquiã, administrador da Fazenda Dom Bosco, o plano é ampliar a seleção, na medida em que o mercado for absorvendo.

Em área de apenas 90 hectares, ocupada com pasto de capim *Brachiaria decumbens* (braquiariinha), são mantidas as fêmeas comerciais da fazenda. É nesse espaço também que o criador realiza o manejo reprodutivo, feito com estação de monta natural de 60 dias, sendo que cada macho cobre de 30 a 50 fêmeas. O desempenho reprodutivo atinge índices de projetos intensivos de produção, desmamando 85% dos cordeiros nascidos.

Outro manejo importante conduzido na fazenda está ligado à busca da eficiên-

cia reprodutiva das fêmeas, não por meio do número de partos e re-concepções e, sim, a partir do melhor aproveitamento das cruzas na busca por partos gemelares. Bruno Fernandes Salles Santos, zootecnista e responsável técnico pelo projeto de ovinocultura da Dom Bosco, mostra que hoje 30% dos nascimentos já são de partos duplos. “O desafio é atingir índices superiores a 50%”, comenta.

Além disso, as fêmeas em período de gestação, quando retornam do pasto ao fim do dia, recebem ração especial oferecida no cocho mais volumoso de milho e sorgo, que têm o consumo controlado. A partir do décimo quinto dia de vida os cordeiros já entram no sistema de confinamento total, onde passam a receber dieta única, que se estende até a terminação. O pulo do gato do manejo da Fazenda Dom Bosco é aproveitar a excelente conversão alimentar do ovino Ile de France (que precisa de apenas 2,5 kg de alimentos para ganhar 1 kg de peso vivo) para abolir a recria, comenta Bruno, ressaltando que “em 2006, foram para o abate 575 cordeiros, todos com idade entre 80 e 100 dias e peso médio de 32 kg”.

A mineralização do rebanho é feita com o suplemento pronto para uso Ovinofós, da Tortuga, oferecido aos animais



de todas as categorias à vontade no cocho. O consumo médio é de 30 gramas por animal/dia, volume considerado dentro das recomendações pelo especialista da Tortuga. Para o gerente da Dom Bosco, a participação da Tortuga no sucesso da criação dispensa comentários. "E isso vale em relação à qualidade dos produtos para ovinos e também para bovinos de corte", diz.

Outra preocupação é com a sanidade, sobretudo, com as verminoses. A cada 30 dias, todo o plantel Ile de France registrado passa pelo exame de OPG para controle das infecções de endoparasitas. Esse manejo é feito pelo médico veterinário da fazenda, Willian Delaquiá, que ressalta a importância do exame para o controle das infecções e redução da mortalidade de animais jovens. Segundo ele, o plantel comercial também tem esse acompanhamento, só que o exame é feito por amostragem na proporção de 20% do rebanho total.

O cuidado com as instalações para evitar a incidência de doenças respiratórias também é intenso, envolvendo higienização das baias e troca das camas, no mínimo uma vez por semana. Segundo o especialista, é sempre mais interessante para o criador fazer o manejo preventivo do que o tratamento à base de medicamentos. NT

PEDRO LUIZ VALEZI (REPRES. COML. VALEZI LTDA), MARCELO MARTELETO (SUPERV. TORTUGA), PAULO SÉRGIO DELAQUÁ (GERENTE DA DOM BOSCO), WILLIAN DELAQUÁ (MÉDICO VETERINÁRIO), BRUNO FERNANDES FALESSE SANTOS (ZOOTECNISTA) E JORGE QUIRINO VIEIRA (TRATADOR)



OVINOS ILE DE FRANCE MIGRAM PARA O SUDESTE

Originalmente criada nos Estados do Sul do País, a partir da década de 1990 a raça Ile de France passou a ser introduzida em criatórios da região Sudeste, principalmente no interior de São Paulo. O objetivo era aproveitar os atributos produtivos do ovino Ile de France no cruzamento industrial com raças deslanadas, que tinham maior adaptabilidade ao clima tropical. Em pouco tempo, a criação já se espalhava também para os Estados de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. E está crescendo.

RAÇAS

A aposta vitoriosa da criadora Maria Lúcia de Abreu Pereira (Fazenda Mariópolis) na seleção de gado taurino adaptado para as condições tropicais.

Quase 13 anos após iniciar seu programa de seleção de genética taurina adaptada às condições de clima tropical, a Fazenda Mariópolis (Itapira, SP) é uma unanimidade, sendo considerada referência na venda de reprodutores Caracu, Senepol e Bonsmara para cruzamento industrial e selecionadores que reconhecem as características positivas dessas raças e sua aptidão para a pecuária brasileira.

Localizada em região de topografia acidentada, próxima à divisa com o Estado de Minas Gerais, a Fazenda Mariópolis tem 600 hectares e possui estrutura de manejo bastante funcional, que privilegia o regime de criação a pasto, com suplementação mineral. A proprietária, Maria Lúcia de Abreu Pereira, informa que o trabalho de seleção, originalmente



FOTO: AGRICOLA

MARIA LUCIA E DARIO (EM PÉ), COM LUIZ SETUBAL (CONSULTOR DA SOCIEDADE AGRÍCOLA SANTA TEREZA) E ESPOSA



ADAPTADAS

com muita produtividade

baseado na genética Caracu, busca identificar os indivíduos mais adaptados às condições do Brasil Central. Ela ressalta que um dos principais diferenciais do Programa de Adaptados da Mariópolis é a escolha da fêmea Caracu PO para usar no cruzamento absorvente com touros Bonsmara e Senepol.

Com o apoio de pessoal especializado para cuidar de cada detalhe técnico em termos de reprodução, sanidade e nutrição animal, a Mariópolis, Unidade Demonstrativa do Programa Boi Verde, da Tortuga, construiu o maior programa de avaliação genética envolvendo três raças taurinas adaptadas do Brasil, observa o médico veterinário Leonardo Souza, da NZ Consultoria, que há nove anos é responsável pelo programa de melhoramento genético da propriedade e coordena o teste de performance, que este ano chegou à 7ª edição. Esse trabalho é acompanhado muito de perto pelo especialista sul-africano Danie Bosman, um dos maiores conhecedores de genética adaptada no mundo, e que faz, pessoalmente, a seleção dos melhores animais, sempre levados a leilão no início de outubro (veja resultados no quadro)

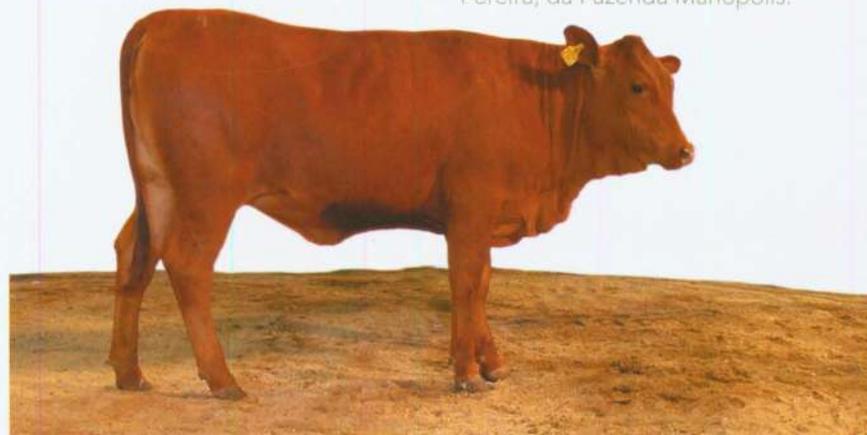
Criado nos moldes dos principais programas de avaliação genética do País, que testam a eficiência genética dos animais em condições de criação a campo, o Teste de Performance da Fazenda Mariópolis seleciona os melhores indivíduos de cada geração (machos e fêmeas), para testá-los no manejo de pasto e suplementação mineral. Dos 600 bezerras nascidos em 2006, Danie Bosman pré-selecionou 120 machos e 150 fêmeas, logo após a desmama, para a recria (pasto + Programa Boi Verde, da Tortuga).

Segundo Leonardo Souza, os lotes da atual safra entraram nos testes com pe-

so médio de 220 kg (machos) e 200 kg (fêmeas). Durante quatro meses, os animais passaram por mensurações periódicas para ganho de peso, perímetro escrotal, comprimento corporal, altura (frame score), espessura do couro e resistência a carrapatos. De acordo com Sousa, duas características incondicionais são adaptação ao calor e resistência aos ectoparasitas.

Em termos reprodutivos, esses animais são testados em estação de monta de 90 dias, da qual participam apenas novilhas de 14 meses e garrotes de 12 meses de idade. No ano passado, o técnico colocou 120 fêmeas nascidas em 2004 no teste e o resultado ficou acima dos 70% de prenhez. “89 novilhas estão prontas para parir, antes mesmo de completar os dois anos de idade”, assinala Maria Lucia de Abreu Pereira. “Esse resultado só é possível graças às características de precocidade sexual das raças Caracu, Bonsmara e Senepol e do trabalho de melhoramento que busca, em cada uma delas, as características que atuam em conjunto para a formação de indivíduos cada vez mais precoces sexualmente”, completa a criadora. **NT**

MELHOR FÊMEA SENEPOL DO TESTE DE PERFORMANCE 2007 DA FAZENDA MARIÓPOLIS FOI VENDIDA POR R\$ 18 MIL



LEILÃO RÁPIDO, COM LIQUIDEZ TOTAL E BONS PREÇOS

O 7º Leilão Anual de Bovinos Adaptados da Fazenda Mariópolis movimentou R\$ 242,1 mil com a venda de 39 animais das raças Bonsmara, Caracu e Senepol, no dia 6 de outubro, em Mogi Mirim. O remate foi marcado pela alta qualidade genética e pela disputa em todos os lotes, com liquidez total dos animais em pista.

Com média geral de R\$ 6.207,69, o leilão ofertou 15 fêmeas (média de R\$ 9.012,00) e 24 machos (média de R\$ 4.455,00) PO e POI. Destaque à fêmea Senepol PO MAR2391-06 (12 meses), adquirida pela Sociedade Agrícola Santa Tereza Ltda, da Bahia, por R\$ 18.000,00, a maior cotação do evento.

“O resultado do leilão reflete a confiança dos pecuaristas nas raças adaptadas. Trouxemos para a pista animais PO e POI com índices superiores e capacidade de se tornarem ótimos reprodutores e matrizes. Houve liquidez total com excelente média de lances. Temos a certeza de que os animais vendidos poderão encabeçar qualquer plantel e fortalecer ainda mais a atuação do Bonsmara, Caracu e Senepol na pecuária brasileira”, ressalta a criadora Maria Lúcia de Abreu Pereira, da Fazenda Mariópolis.

Tecnologias ajudam a PRODUZIR MAIS LEITE

Dia de campo no Sítio São Valentin em Auriflamma (SP), mostra resultados positivos do uso de suplementos minerais da Tortuga.

No início de setembro, cerca de 200 produtores de leite das regiões Noroeste e Oeste do Estado de São Paulo e também do Mato Grosso do Sul se reuniram em Auriflamma (SP) para a segunda edição do Dia de Campo “Produção Intensiva de Leite a Pasto”, promoção do Sítio São Valentin em parceria com a equipe da Tortuga, de Osvaldo Cruz (SP), comandada pelo gerente de vendas José Oliveira Ramos.

Os produtores presentes acompanharam de perto palestras técnicas ministradas pelo time de especialistas em produção leiteira da Tortuga, inclusive esclarecendo dúvidas sobre as mais modernas tecnologias de manejo e de produtos para otimizar o sistema produtivo das fazendas.

O proprietário do Sítio São Valentin, Vagner Oliveira De Angeles, que mantém sistema de produção de leite bastante simples fundamentado no regime de criação a pasto no verão e suplementação estratégica no período seco do ano, relatou os resultados zootécnicos da propriedade, que coleta 1.500 litros de leite/dia, em apenas 38 hectares. A produção do plantel em lactação, formado por 58 vacas da raça Holandesa, é considerada muito boa:

média de 25 litros de leite/vaca/dia.

O plantel da propriedade tem história muito curiosa e que ilustra a importância do melhoramento genético para a profissionalização da atividade leiteira. No começo, eram apenas 31 vacas, que produziam somente 3,5 litros/dia cada. De Angeles comenta que a busca constante pelo melhoramento genético foi responsável pela mudança positiva na produção.

Outro item citado foi o planejamento nutricional dos animais do Sítio São Valentin, todo suplementado com produtos do programa nutricional da Tortuga, trabalho supervisionado pelo supervisor técnico Raul Marcos Gaspar e acompanhado pelo representante da empresa na região, Fernando Fazan. Raul Gaspar destaca como ponto forte do manejo alimentar do Sítio São Valentin a divisão de pastagens e a produção de volumoso para o período da seca, com silagem de milho e cana-de-açúcar.

Na sequência das apresentações, os técnicos da Tortuga abordaram temas importantes para elevar os ganhos da fazenda de leite. O gerente de pesquisa e desenvolvimento da Tortuga, Gil Horta,



MAIS DE 200 PRODUTORES DE LEITE COMPARECERAM AO EVENTO DO SÍTIO SÃO VALENTIN

falou sobre manejo de vacas em período de pré e de pós-parição. O especialista assinalou os principais problemas que acometem os plantéis leiteiros, muito deles causados por desequilíbrios nutricionais.

Carlos Eduardo Paez, também da Tortuga, falou sobre a importância de o empresário do leite investir na melhoria dos processos produtivos na fazenda para garantir a qualidade do produto final, que será entregue aos laticínios. Ele alertou para uma realidade que bate à porta do produtor de leite brasileiro: o pagamento do leite por sólidos totais e o maior controle sobre a parte sanitária, destacando a contagem de células somáticas, entre outras.

O técnico Carlos Eduardo dos Santos (Carlão) mostrou os reflexos da mineralização na reprodução, seus resultados e importância para praticar a pecuária realmente eficiente. “A Tortuga possui programa completo de suplementação mineral voltado à pecuária leiteira e acaba de fortalecer a linha, com dois novos produtos: BCA Pré-Parto e Bovigold Pré-Parto”, destaca Gaspar.

Para fechar o encontro, Raul Marcos Gaspar e Vagner Oliveira De Angeles enfatizaram mais uma vez a importância do uso das tecnologias para se melhorar a produtividade, com a definição de um sistema de produção auto-sustentável, caminho mais curto para atingir os objetivos, destaca o técnico da Tortuga. **✚**

COM BOA GENÉTICA E NUTRIÇÃO,
FÊMEAS PRODUZEM, EM MÉDIA,
25 LITROS DE LEITE/DIA

FOCO

Sisbov pode migrar para a iniciativa privada

Proposta é do próprio Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e pegou de surpresa a cadeia produtiva da carne bovina.

A notícia foi inesperada e vem provocando muitas discussões na pecuária. Cinco anos após ser lançado, o Serviço de Rastreabilidade da Cadeia Produtiva de Bovinos e Bubalinos (Sisbov) pode passar para administração da iniciativa privada. O anúncio foi oficial, feito por Marcio Portocarrero, secretário de Desenvolvimento e Cooperativismo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA).

Antes dessa definição, há um desafio maior. Os pecuaristas que desejam ter seu plantel apto a fornecer carne para exportação à União Européia têm até o dia 31 de dezembro de 2007 para cadastrarem seus animais. Depois dessa data, os produtores que quiserem exportar carne bovina terão de atender à Instrução Normativa nº 17, que determina a rastreabilidade, com identificação de todos os animais da propriedade e informações sobre o manejo do rebanho. Com a mudança para o novo Sisbov, uma propriedade só poderá ter animais de áreas livres de febre aftosa.

O rastreamento dos animais é um dos pontos principais do mais recente movimento liderado pelos pecuaristas irlandeses junto ao Parlamento Europeu: eles querem que a União Européia feche as portas à carne brasileira e, para isso,

utilizam uma série de argumentos. Outra definição recente na Grã-Bretanha é não aceitar que carne com genes de *Bos indicus* seja considerada de qualidade.

Sisbov na iniciativa privada - A Associação Brasileira de Criadores de Zebu (ABCZ) e a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) já se colocaram à disposição do MAPA, caso a proposta de administração do Sisbov pela iniciativa privada seja efetivamente levada adiante

Marcio Portocarrero disse que o governo já está recebendo propostas de migração do sistema de gestão do banco de dados. Ele ressalta que a migração não será imediata para não oferecer risco às exportações brasileiras de carne. "A transição do banco de dados para o setor privado deve durar dois anos", diz. No primeiro ano, os dois sistemas (privado e público) operam paralelamente, mas depois será totalmente transferido para o setor privado. "Quando há interesse do setor privado, o sistema funciona. Já é assim no Canadá e na Nova Zelândia. A máquina pública oferece entraves que o setor privado não enfrenta", afirma Portocarrero. **NT**

ATENÇÃO PECUARISTA: A DATA-LIMITE PARA INCLUSÃO NO SISBOV DOS ANIMAIS CUJA CARNE PODE SER EXPORTADA É 31 DE DEZEMBRO DE 2007



A vitamina do sucesso

A recém-casada – menina nova – mulher do Domingão encontrou-se com dona Mariazinha na ponte:

- O que é isso menina? Perguntou dona Mariazinha. Você está com os olhos fundos, magra, tristonha. O que está acontecendo?

A menina ficou calada e dona Mariazinha começou a puxar a língua dela: - Me conta; às vezes eu posso te ajudar...

E a menina começou...

- É o Domingão!...

- O que tem o Domingão? Perguntou dona Mariazinha.

- Não gosto nem de contar. Lá em casa tá um caso sério. O Domingão acorda de madrugada e não me dá sossego até a hora de ir para o serviço. Antes de almoçar, ele me pega novamente. À tardinha, ele vem correndo do serviço e já chega doído, me abraça, me agarra e eu não tenho jeito: é antes do jantar mesmo. Quando chega a noitinha, nem bem escurece, ele já está me chamando pra dormir. Basta eu deitar na cama e lá vem ele outra vez. Não agüento mais. No outro dia, bem cedinho, começa tudo de novo. Dois meses de casado e ele só aumenta.

- Ah, minha filha! Não posso fazer nada. Tenho dó d'ocê. Toma cuidado que isto demais faz mal.

Pois bem. Dona Mariazinha foi para casa e à noitinha começou a contar tudo para o seu marido – o “Veio” Zé – sobre a recém-casada, pois o seu marido era companheiro de serviço de Domingão. Aí o “Veio” Zé falou:

- Vou prestar atenção nele, porque ele cuida da tropa e eu faço a limpeza do curral. Trabalhamos pertinho um do outro.

No outro dia:

- Ô Domingão!... esse cavalo ficou bom agora. O que aconteceu? Você reclamava que ele não cobria as éguas. Ele aprendeu depressa, hein?

- Aprendeu nada! É por causa de um tal de Vitagold. Ele agora está tinindo – Respondeu o Domingão.

O “Veio” Zé, com malícia, começou a perguntar:

- O que é Vitagold?

- É um remédio. É uma vitamina que esquenta o cavalo. E também é gostoso de tomar.

- Ah! Eu vou experimentar um pouco (provou e achou amargoso). Aí o “Veio” Zé descobriu que, toda vez que o Domingão dava Vitagold para o cavalo, tomava uma pitada.

Um dia, o “Veio” Zé deu duas provadas no Vitagold e à noitinha dona Mariazinha ficou assustada e abismada.

- O que é isso, “Veio”? É o remédio?

No outro dia, o “Veio” começou cedo, tomando uma pitada do Vitagold. Repetiu a dose à tarde e a dona Mariazinha, à noite, é que sentiu o efeito do Vitagold...

Poucos dias depois, o tratorista, o campeiro e o retirero já estavam também na jogada do Vitagold.

Um dia, o Domingão chegou perto do chefe e disse:

- O Vitagold acabou...

- O que? Acabou? Não é possível, dava pra mais uns quatro meses. Acho que você está dando a dosagem errada.

Mas acabou comprando mais Vitagold e o cavalo ficou bom. Naquele ano, o nascimento de equinos e de meninos aumentou na fazenda.

Agora se você me perguntar: “Devo tomar Vitagold? – Eu não lhe digo nada”. Para o cavalo deu certo demais, porque ele enxertou égua que não foi brincadeira naquele ano e está bom até hoje.

Outro dia encontrei-me com o Domingão e lhe perguntei:

- Tudo bem? E o Vitagold, parou de tomar?

Ele riu e disse:

- Tá tudo ótimo. Parei de tomar, mas que foi bom foi!

Vitagold é uma vitamina muito boa. Você pode encontrá-lo em qualquer loja de produtos veterinários. Serve para tudo que é bicho: cavalo, cabrito, cachorro e até mesmo para passarinho...

*O autor Francisco Raphael Ottoni Teatine é engenheiro agrônomo, reside em Belo Horizonte e foi consultor de várias propriedades em Minas Gerais. A republicação desta crônica é uma homenagem do Noticiário Tortuga a este grande cronista rural.

NOTA DA REDAÇÃO: VITAGOLD É UM PRODUTO VETERINÁRIO. DE USO EXCLUSIVO EM ANIMAIS. NÃO SENDO RECOMENDADO EM NENHUMA HIPÓTESE PARA SERES HUMANOS.

O Noticiário Tortuga abre espaço para os seus leitores enviarem causos e histórias interessantes. Para participar, é fácil. Basta enviar o artigo com ou sem fotos para o e-mail: paulo.macedo@tortuga.com.br ou imprensa@textoassessoria.com.br. Os participantes receberão um brinde especial da Tortuga pela contribuição.

O bicudo e Vitagold

Em um vôo a trabalho, quando eu ia de Belo Horizonte para São Paulo – sou advogado criminalista –, tive o prazer de ter ao meu lado a companhia de Paulo Cezar de Macedo Martins que, ao longo da conversa, que durou até a saída do aeroporto de Congonhas, disse-me ser coordenador técnico do Noticiário Tortuga, tendo eu lhe informado ser criador de pássaros e que utilizava, em meu criatório, em larga escala, um produto fabricado pela empresa, mais precisamente Vitagold, de grande aceitação e prestígio no mercado, o que despertou nele um interesse pelo assunto.

O meu gosto pela criação de pássaros canoros iniciou-se ainda quando menino, apresentado que fui a eles pelo meu saudoso pai, Ariosvaldo de Campos Pires. Há cerca de 20 vinte anos, conheci o Bicudo (*Oryzoborus maximiliani*), cujo canto e beleza me seduziram por completo, a ponto de iniciar a sua criação comercial, em detrimento aos demais pássaros.

Historicamente, o Bicudo era encontrado em abundância em Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Brasília, mas hoje se encontra em extinção em seu habitat natural. Seu incrível canto

lembra o som de uma flauta, extremamente apreciado entre os criadores. Quanto ao hábito alimentar, o Bicudo é basicamente granívoro. Apenas na época reprodutiva, forneço às fêmeas tenébrios, que são larvas de besouros, com as quais alimentam os filhotes, ricas em proteína. O período de reprodução vai de dezembro a abril e, geralmente, é a fêmea quem escolhe o macho, sempre pelo canto, já que o casal somente se verá quando a fêmea pedir “gala”, ou seja, abaixar pedindo a cópula.

Por se tratar de espécie extremamente agressiva, machos e fêmeas são mantidos em gaiolas individuais. O sucesso reprodutivo de um criatório está relacionado em grande parte ao constante monitoramento visual de matrizes, reprodutores e filhotes. Fêmeas e filhotes são pardos. O filhote começa a “pintar” de preto e a “abrir” canto a partir de seis meses. O macho, que fica totalmente preto com dois anos de idade, atinge a idade adulta a partir de cinco anos e a fêmea a partir de três anos, quando já está pronta para a atividade reprodutiva.

Um item de extrema importância para a saúde das aves e o sucesso reprodutivo de

um criatório é o polivitamínico a ser adotado, que, em nosso caso específico é o Vitagold, da Tortuga, com ótimos resultados, fornecido três vezes por semana no bebedouro de 50 ml, durante todo o ano, a todos os pássaros do plantel. O cuidado sanitário também é fundamental, e não deve começar quando aparecerem aves doentes, mas sim fazer parte da rotina diária do criadouro.

Todos os pássaros que compõem o “Criatório Sangue Azul” são devidamente anilhados, conforme as normas técnicas e as orientações do Ibama e constam da relação do proprietário, nascidos no próprio criadouro ou adquiridos de outros criadores amadores cadastrados no Ibama. Possuímos plantel selecionado, formado por pássaros campeões em torneios estaduais e nacionais, dentre os quais se destacam Juca Chaves (bicampeão mineiro de Canto), Prestígio (campeão mineiro pardo) e Sangue Azul (campeão brasileiro), dentre outros. A anilha fechada é a única forma de se comprovar que um pássaro da fauna brasileira nasceu em cativeiro. Nela, constam a sigla do criador, o número de registro do pássaro, o número do criador no Ibama, o ano de nascimento e a bitola da anilha, que é feita de aço inox, fechada e inviolável, confeccionada conforme as normas técnicas do Ibama (criadouro comercial) ou pelo próprio Ibama (criadouro amador).

Aos leigos, é importante alertar que uma pessoa apreendida com pássaros silvestres em cativeiro, sem a competente autorização do Ibama, será multada em R\$ 500,00 por pássaro, mais R\$ 5.000,00, também por pássaro, se o mesmo for de espécie em extinção. Por tal razão, os interessados devem adquiri-los de criadores especializados, registrados no Ibama, para evitarem futuros problemas. Temos pássaros adultos e filhotes disponíveis para comercialização e enviamos para todo o Brasil. O criadouro está localizado na Av. Doutor Otacílio Negrão de Lima, 12.600 – Pampulha, Belo Horizonte (MG). O telefone é (31) 3496-2089; o site: www.criatoriobicudosangueazul.com. Esperamos o seu contato e a sua visita.

CARLOS FREDERICO VELOSO PIRES
Proprietário do Criatório Sangue Azul
Belo Horizonte (MG)



Dr. João Osmar de Oliveira, o homem que entende de boi

João Osmar de Oliveira nasceu em 18 de julho de 1944, em Rio Verde (MS), onde iniciou seus estudos no Colégio Municipal Porfírio Gonçalves. cursou o Colégio Agrícola Gustavo Dutra, em Cuiabá (MT), indo posteriormente para a Escola Agrotécnica Federal Diaulas Abreu, em Barbacena (MG), na qual fez os cursos de Mestría Agrícola e o de Técnico em Agropecuária. Toda essa base o conduziu naturalmente à Faculdade de Medicina Veterinária da UFMG, tendo colado grau em dezembro de 1970. Em 25 de janeiro de 1971, ingressou na Tortuga e assumiu o posto de gerente do recém-criado Campo Experimental da Tortuga, em Rondonópolis (MT).

Era o início de uma laboriosa e bem-sucedida carreira. Eram tempos difíceis para a pecuária do Centro-Oeste e parte da chamada Amazônia Legal. A “Cara Inchada” praticamente inviabilizava a criação de bovinos naquelas regiões. Muitos criadores desistiam da atividade. Técnicos, inclusive estrangeiros, mostravam-se céticos, tendo alguns afirmado que aquela região não se prestava à criação de bovinos.

Dr. João Osmar tinha outra opinião. Homem que aliava o conhecimento técnico à prática, conhecedor de boi, capim e gente, arregaçou as mangas e foi à luta. Contando com o apoio da Tortuga, começou a pesquisar e a procurar a solução para aquele grave problema. Necropsiando animais, analisando capins, solo

e água, em busca de uma forma, não de curar, mas de prevenir definitivamente aquela situação, dr. João Osmar testou vários tipos de formulação e, após sete anos, chegou ao Fosbovi Sal 20. O passo seguinte foi convencer os pecuaristas a colocar em suas propriedades cochos adequados, bem localizados e fornecer aos animais o produto que ajudara a criar.

Sua luta foi um marco divisor da inviabilidade da cria e da recria de bovinos antes e da viabilidade depois da solução do problema da Cara Inchada, sendo este trabalho o mais relevante de sua vida profissional e que o fez merecedor do reconhecimento de inúmeros pecuaristas, tendo recebido várias homenagens públicas. O aeroporto de uma grande empresa pecuária no Vale de Guaporé (outubro de 1980) tem o seu nome. Também recebeu a visita de vários pesquisadores nacionais e internacionais, como o prof. Ammerman, dos Estados Unidos. Em 1991, foi homenageado pelo Conselho Regional de Medicina Veterinária do Mato Grosso, por sua contribuição ao desenvolvimento da pecuária naquele Estado.

O dr. João Osmar participou ativamente do desenvolvimento dos minerais em molécula orgânica da Tortuga, destinados aos bovinos de corte, sendo que nesse trabalho teve grande

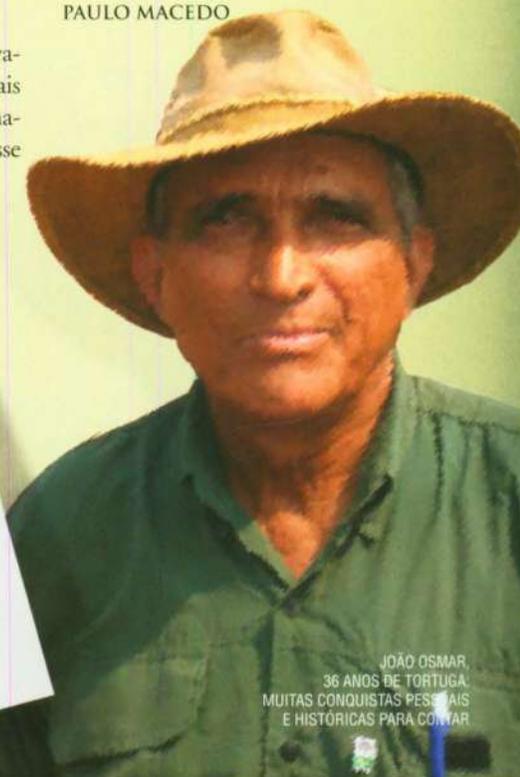
envolvimento e recebeu muitas orientações do eminente professor Silvano Maletto (Universidade de Turim, Itália).

Ele é autor de várias matérias técnicas, com destaque para Miopatia Nutricional Enzoótica em Bovinos, (1997). Também escreveu o livro A Síndrome da Subnutrição, relacionado com o famoso problema da Vaca Caída, no Centro Oeste brasileiro.

Realizou trabalhos como consultor técnico em projetos da Sudam, tais como Cia. Agropecuária Agrosan, Guaporé Pecuária SA, Agropecuária Paraíso, Estrela do Guaporé Agropecuária e Agropecuária Santo Antonio do Cabaçal SA, todas localizadas na região Amazônica, e divulgou seu trabalho e sua experiência por meio de inúmeras palestras que proferiu e profere em todo o Brasil e no exterior.

Faz questão em dizer que para sua realização profissional deve muito à “escola da vida” (50%) e acadêmica (50%). Sua especialização: nutrição e manejo de bovinos em regime de campo. Mas o que ele entende bem mesmo é de boi e vaca sem doença.

PAULO MACEDO



JOÃO OSMAR,
36 ANOS DE TORTUGA.
MUITAS CONQUISTAS PESSOAIS
E HISTÓRICAS PARA CONTAR





NASCE O INSTITUTO TORTUGA, *para fortalecer ações sociais*

Empresa reúne iniciativas de responsabilidade social e amplia ações de caráter histórico e cultural.

Fazer o bem pelo bem. É assim que a gerente do recém-criado Instituto Tortuga pela Valorização do Cidadão, Verônica Feronato, resume a atuação social da empresa. O lema pode ser simples, e o é. Mas a intenção é nobre: cuidar para que o interesse comercial atue lado a lado com a agenda de responsabilidades da empresa com a comunidade. Está aí uma característica própria da Tortuga, desde sua criação por Fabiano Fabiani, passando pelo comando de Creuza Fabiani e, agora, pela presidência de Max Fabiani.

O Instituto Tortuga, cuja base foi lançada em 2005, abarcará programas, projetos e serviços já em andamento, como o Valores do Campo, cujo objetivo é prestar apoio sócio-cultural aos jovens das áreas rurais.

Como braço desse projeto maior, está a Grife Tortuga, cujas vendas de produtos para vestuário, acessórios e outros itens funcionam como alavanca financeira para o Valores do Campo. Aliás, a grife passa por renovação e terá sua linha ampliada. Além disso, ganhará uma boutique na unidade industrial da empresa, em Mairinque (SP), para atender aos visitantes da fábrica, que vêm de todas as partes do País. As

vendas pelo site www.grifetortuga.com.br continuam, bem como na loja instalada na sede da empresa, em São Paulo (SP).

A implantação do Instituto Tortuga caracteriza, também, avanços claros na atuação social da Tortuga, envolvendo projetos culturais. Está sendo criado espaço exclusivo na fábrica de Mairinque para abrigar, além da boutique, um memorial, com as premiações recebidas pela empresa e coleções encadernadas do Noticiário Tortuga, Revista dos Criadores (desde 1934) e do Suplemento Agrícola, do jornal O Estado de S. Paulo (desde a edição número um), importantes referências para o produtor rural. “A proposta é disponibilizar o acervo primeiramente para os funcionários e, posteriormente, a pesquisadores interessados”, explica Verônica Feronato.

O Instituto Tortuga está restaurando fitas de vídeo com vinhetas de inserção publicitária da empresa na mídia ao longo de seus quase 54 anos de história. Além de vídeos, as campanhas impressas e fotografias que resgatam a história da empresa estão sendo compiladas e integrarão o acervo.

A Tortuga contribui com a Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do

Adolescente, que autoriza a utilização do selo “Empresa Amiga da Criança”, “Nosso maior resultado está na contribuição por um país melhor, crianças e adolescentes com boa formação e crescendo com dignidade”, assinala Adilson Rancoleta, gerente de Recursos Humanos.

Responsabilidade social na Tortuga também significa qualidade de vida para os colaboradores, o que pode ser comprovado pelo prêmio ‘100 Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil’, concedido, pela revista Época e a consultoria multinacional especializada Great Place to Work, que leva em conta em seu critério de escolha a opinião dos funcionários sobre a estrutura e as condições oferecidas pelas empresas para a perfeita realização das funções – o que acaba servindo, em contrapartida, para valorizar ainda mais a marca da Tortuga junto ao seu público consumidor fiel. “A responsabilidade social, quando é realmente praticada e não fica apenas no discurso, contribui fortemente para o atendimento das expectativas do consumidor. No caso da Tortuga, a responsabilidade social está intrínseca em seus valores e princípios”, reforça João Hilário, diretor de marketing da empresa. NT

DE PRODUTOR a empresário do leite

Evento da Fazenda Iguazu, no Oeste do Paraná, discute avanços na produção e na gestão do leite. Participaram mais de 650 pessoas.

O Oeste do Paraná é uma das dez maiores regiões produtoras de leite do Brasil, produzindo anualmente 623 milhões de litros de leite/ano, sendo a maior do Paraná e a terceira maior da região Sul.

Nessa região, ocorreu entre os dias 20 e 23 de agosto o 2º Simpósio Internacional Star Milk, que reuniu 500 pessoas durante os dois dias de palestras técnicas e 650 pessoas no encerramento do evento em dia de campo na Fazenda Iguazu.

A fazenda, que constitui o referencial técnico na pecuária de leite no Oeste do Paraná, produz em torno de 12 mil litros de leite/dia. Todo o acompanhamento

da propriedade é realizado pelos médicos veterinários Sandro Weickert e Mario Sossela Filho, com o apoio da Clínica do Leite (Esalq/USP), que monitora a qualidade e o teor de sólidos no leite.

O evento contou com a participação de profissionais do Brasil e do exterior. Além do caráter técnico, informações relativas à perspectiva de mercado foram apresentadas aos participantes do simpósio. Para finalizar o evento, os organizadores do 2º Simpósio Internacional Star Milk trouxeram uma palestra motivacional, cujo objetivo foi mostrar aos participantes que a atividade precisa de sintonias finas, como a essência do aprendizado de uma orquestra.

Essa programação multidisciplinar teve como objetivo atender à necessidade do novo produtor de leite, hoje empresário do leite, no que diz respeito à gestão da propriedade e à avaliação de mercado.

A Tortuga participou ativamente do evento, com a presença do coordena-

dor nacional Pecuária de Leite, Rodrigo de Souza Costa, do supervisor Gustavo Larsen e dos representantes Vicari (Marchal Cândido Rondon), Paulo Warken (Cascavel), Márcio (Medianeira) e Manfio (Toledo), além de apresentações do médico veterinário Juliano Beleze durante o dia de campo.

As apresentações durante o dia de campo tiveram como foco os benefícios produtivos obtidos com os minerais orgânicos durante o período de transição. Atualmente, o período de transição é o principal gargalo nas propriedades com alta produção por vaca/dia.

Segundo o médico veterinário Mário Sossela Filho, o objetivo do 2º Simpósio Internacional Star Milk foi alcançado com grande sucesso, pois foi possível passar aos participantes realmente o proposto, sendo que as novas tecnologias apresentadas são ferramentas de uso diário na propriedade leiteira. Outro grande desafio alcançado foi transmitir ao público a importância da motivação na atividade leiteira, pois a maioria das palestras motivacionais é voltada exclusivamente aos técnicos e não aos produtores, que são a base do negócio.

Outra inovação foram os pré-cursos, que abordaram temas como casco, reprodução e sanidade de glândula mamária. Os cursos foram ministrados pelos professores da Universidade do Wisconsin (EUA) Milo Witbanck, Richard Pursley, Pamela Ruegg e Jerry Gunther. Profissionais de todo o Brasil participaram desse treinamento de alto nível.

“A Tortuga mostrou-se parceira, em sua tradição de atender aos produtores e técnicos com a maior dedicação possível, e acreditou no sucesso do Star Milk. Como é bom saber que existem empresas que acreditam tanto na Fazenda Iguazu como na atividade leiteira”, ressalta o médico veterinário Mario Sossela. **NT**

2º STAR MILK: EVENTO MULTIDISCIPLINAR PARA O EMPRESÁRIO DO LEITE



4ª SEMANA COOPATOS

atinge resultados excepcionais



FOTO: TORTUGA

TORTUGA MARCOU PRESENÇA NO EVENTO, EM PATOS DE MINAS

Como um evento que vem se consolidando a cada ano e adquirindo importância ímpar na vida do produtor rural e do cooperado, a Semana Coopatos (Patos de Minas, MG) mostrou, definitivamente, em sua quarta edição, o seu grande potencial de crescimento. O grau de satisfação, a movimentação e os números conseguidos contribuíram para aumento considerável nos negócios, extrapolando em muito as expectativas. Esse resultado confirma a vocação do evento de se transformar no maior encontro leiteiro de uma região, reconhecida, hoje, como uma das mais produtivas do leite no País.

A cada edição, a Semana Coopatos se supera e registra crescimento significativo, acompanhado de maior participação e envolvimento por parte dos associados. Na quarta edição, entretanto, pode-se dizer que o resultado, merecidamente conseguido, representou salto quantitativo e qualitativo sem precedentes em sua evolução. Um exemplo: o volume de negócios recorde da ordem de R\$ 4,5 milhões, verificado na apuração das operações financeiras realizadas na Mostra de Fornecedores. Comparado à edição de 2006, que movimentou R\$ 2,6 milhões, esse resultado significa crescimento de 73% no volume de negócios realizados somente na Mostra.

Movimentação financeira, interesse dos produtores e presença de público cresceram, confirmando a força que o evento ganha, ano após ano.

O 4º Leilão de Elite foi outro evento que também surpreendeu os organizadores e o público presente. No total, o valor de vendas atingiu R\$ 363.150,00, com média geral de R\$ 4.035,00, entre vacas e novilhas. Como consequência, o Leilão de Elite apresentou crescimento de vendas de 130% sobre a edição de 2006, sendo o evento que registrou a maior evolução, proporcionalmente, em comparação com os demais.

Acompanhando a excelente performance em volume e em qualidade dos negócios, a presença de público foi outro aspecto considerável na 4ª Semana Coopatos. Além de maior número, cresceu também a participação e a atuação do público com melhor aproveitamento das oportunidades de negócios, conhecimento e contatos. Em 2007, o momento positivo para o mercado do leite, a emoção da comemoração dos 50 anos da Coopatos e a extensão das linhas facilitadas de crédito à maior gama de produtos e à comercialização de animais, tudo isso veio somar e contribuir para um brilhante resultado.

Além dos negócios, a realização do 16º Encontro do Comitê Educativo e do 15º Torneio Leiteiro Comunitário, dois eventos tradicionais da cooperativa, e que deram origem à Semana Coopatos, também foi marcada por forte clima de satisfação e entusiasmo, verificado durante a realização do Clube da Bezerra e dos seminários. Em nome da cooperativa, o seu presidente, Pedro Francisco

“VOLUME DE NEGÓCIOS (R\$ 4,5 MILHÕES) FOI RECORDE: AUMENTO DE 73% EM RELAÇÃO À SEMANA COOPATOS 2006”

Ferreira, agradece a dedicação de parceiros, funcionários, prestadores de serviços e de todos os que ali trabalharam e que têm importância particular no brilhante resultado conjunto do evento. “Gostaria de agradecer em especial ao nosso associado, por ter depositado mais uma vez sua confiança, ressaltando a fundamental importância desse apoio para os excelentes resultados conseguidos com a realização da 4ª Semana Coopatos, bem como para a própria existência e continuidade do evento”, assinalou Pedro Ferreira.

RODRIGO ANSELMO
Supervisor técnico, Patos de Minas (MG)

TECNOLOGIA

Aplicações bem feitas geram MAIS LUCRO AO PRODUTOR

Recomendações importantes para a hora da imunização do gado. Treinamento da equipe é fundamental.

No dia-a-dia da propriedade rural existe de forma rotineira a necessidade de aplicações de injeção em bovinos, com o intuito de prevenir e/ou curar doenças. Para essa prática, devemos em primeiro lugar separar o material adequado de acordo com o produto a ser utilizado, ou seja, seringas e agulhas próprias para cada tipo de aplicação. Seguem formas e dicas funcionais de aplicações de injeções:

Com acessórios e manejo adequados, evitaremos desperdícios de produtos, como doses de vacinas e medicamentos injetáveis, e podemos melhorar a qualidade do leite e da carne do rebanho. Para que isso ocorra, o treinamento dos vaqueiros deve enfatizar os cuidados observados quando da aplicação da injeção. A agulha introduzida no corpo do animal não deve penetrar em vasos sanguíneos ou atingir filetes nervosos regionais. Também deve ser evitado que o animal se debata, favorecendo traumas locais, proporcionando, assim, carcaças, no caso de gado de corte, mais saudias e menos desperdício na hora da toailete (eliminação da carne lesada) após o abate. O estado da carcaça é resultado do manejo recebido pelo animal durante a vida.

Quando a injeção for subcutânea, a contenção do animal deve garantir que não ocorra transfixação da pele, que a vacina não seja aplicada sobre a região do gradil costal, provocando dor e incômodo no local ou, por movimentação inesperada, atinja a via intraperitoneal ou algum órgão interno, como os rins e os intestinos. Em casos como esses, o animal deixa de ser vacinado, pois a vacina escoou pela pele

SUBCUTÂNEA



A injeção subcutânea, como o próprio nome diz, deve ser dada debaixo da pele. Pode ser aplicada em qualquer parte do corpo. A região compreendida atrás ou à frente da pá, que todos conhecem como paleta, é uma área fácil de ser atingida, e apresenta maior segurança para o aplicador. Para que a injeção seja melhor aplicada, recomenda-se dobrar a pele, para atravessar a agulha com maior facilidade.

ENDOVENOSA



De todos os tipos de injeções, é a que proporciona ação mais rápida do medicamento; é aplicada diretamente na corrente circulatória (direto no sangue). É a via preferencial para administração de soros. Os melhores locais de aplicação são a veia jugular (pescoço) e a mamária (barriga). Normalmente, os produtos vêm acompanhados dos materiais necessários para realizar a medicação (equipo e agulha).

INTRAMUSCULAR



É a injeção aplicada dentro do músculo. As agulhas para esta aplicação são as maiores. Deve-se tomar cuidado com o tamanho da agulha, porque se for uma injeção a ser aplicada em um bezerro, pode o tamanho da agulha ser de tal forma que atravesse todo o músculo e a aplicação seja fora do local ideal. Os melhores locais de aplicação são a região glútea (garupa), o músculo da tábua do pescoço e a parte de trás da coxa, justamente os mais volumosos.

INTRA-RUMINAL



A injeção intra-ruminal é bastante específica e é aplicada dentro do rúmen (estômago). A aplicação desse tipo de injeção deve ser atribuída ao veterinário ou de pessoal habilitado. Como é uma aplicação de risco pode provocar grandes problemas, como infecções dentro da barriga do animal (Peritonite).

INTRAPERITONIAL



É uma injeção que deve ser aplicada com muito critério, pois pode trazer problemas sérios de infecções dentro da barriga (Peritonite). Ela é aplicada dentro da barriga, sem ser dentro dos intestinos. É uma aplicação que deve ter uma orientação do médico veterinário ou uma pessoa bem treinada.

INTRADÉRMICA



Como o nome diz, deve ser aplicada dentro da pele, isto é, não chega a atingir a região debaixo da pele. Esta aplicação é muito específica, somente usada para testes alérgicos, como é o caso do exame de Tuberculose. É uma aplicação que deve ser realizada pelo médico veterinário.

Determinados medicamentos têm prazo de carência para consumo de leite, produzido pelos animais tratados. A aplicação correta desses medicamentos, quer seja por injeções ou outras vias, implica respeito a esses prazos, estipulados na bula, evitando-se assim problemas com a qualidade do leite.

ou é metabolizada, sem produzir qualquer estímulo antigênico. Atentar sempre para os danos que poderão ser causados às peles dos animais, como conseqüência de aplicações mal realizadas.

Além disso, as seringas e as agulhas devem ser esterilizadas (fervidas) e o uso de desinfetantes é proibido, porque os resíduos podem inativar o efeito do medicamento aplicado ou, ainda, trazer

infecções, já que os locais de aplicação de injeções podem criar condição de anaerobiose.

Outro cuidado no momento da aplicação de injetáveis no rebanho é evitar grandes movimentações no curral na hora da vacina, pois podem provocar estresse e conseqüente perda de peso, em função da brutalidade em encaminhar o gado num espaço pequeno.

Após as boas maneiras para aplicações de injeção, é preciso ressaltar a importância de implantação do controle sanitário na propriedade rural, pois a prevenção de doenças é a medida mais adequada, pois reduz custos de produção e proporciona melhor qualidade do leite e carne.

O quadro a seguir inclui sugestões de atividades sanitárias preventivas para bovinos:

VACINAÇÃO	MESES RECOMENDADOS	OBSERVAÇÕES
Febre Aftosa	De acordo com campanha oficial	Todo o rebanho**
Brucelose	-	Fêmeas do 3º ao 8º mês
Carbúnculo sintomático	Março e setembro	A partir do 4º mês de idade com repetição semestral
Enterotoxemia sintomático	Março e setembro	A partir do 4º mês de idade com repetição semestral
Gangrena gasosa	Março e setembro	A partir do 4º mês de idade com repetição semestral
Botulismo gasosa	Janeiro	A partir do 4º mês de idade com repetição anual
Raiva	Janeiro	A partir do 4º mês de idade com repetição anual
Leptospirose	Março / Junho / Outubro	Vacinar animais com bactéria com variantes prevalentes na região
IBR (Rinotraqueite Infeciosa Bovina)	Setembro	Vacinar vacas 2 meses antes da monta
BVD (Diarréia Viral Bovina)	Setembro	Vacinar vacas 2 meses antes da monta
Diarréia neonatal bovina	Agosto e Setembro	Vacas no 8º mês de gestação com revacinação após 3 semanas
Paratifo	Julho / Agosto / Setembro	Vacas ao redor do 8º mês de gestação
Pasteurelose	Agosto	Vacinar todo o rebanho; bezerros 10 dias antes da desmama
Ceratoconjuntivite infecciosa bovina	Agosto	Vacinar fêmeas no 7º mês de gestação e todo o rebanho semestralmente
Vermifugação***	Início, meados e final da seca e meados das chuvas	A partir do 3º mês de idade
Exame tuberculose	Março e Outubro	Todos os animais
Exame brucelose	Março e Outubro	Animais acima de 24 meses de idade

** DE ACORDO COM CAMPANHA OFICIAL DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). OBSERVAÇÃO: VALE RESSALTAR QUE ESTE CALENDÁRIO SANITÁRIO ESTÁ SUJEITO A ALTERAÇÕES REGIONAIS DE ACORDO COM O ÓRGÃO LOCAL RESPONSÁVEL E/OU A CRITÉRIO DO MÉDICO VETERINÁRIO REGIONAL, ESTABELECEANDO O CALENDÁRIO SANITÁRIO ADEQUADO AO SEU REBANHO.

“PROCEDIMENTO NÚMERO 1: SEPARAR O MATERIAL ADEQUADO DE ACORDO COM O PRODUTO A SER UTILIZADO, OU SEJA, SERINGAS E AGULHAS PRÓPRIAS PARA CADA TIPO DE APLICAÇÃO”

SUGESTÕES EFICIENTES PARA VERMIFUGAÇÃO DO REBANHO

Altec (Ivermectina 1%):

1 ml para cada 50 kg de peso vivo, via subcutânea

Abathor (Abamectina 1%):

1 ml para cada 50 kg de peso vivo, via subcutânea

Albendathor Injetável

(Sulfóxido de Albendazol 10%):

1 ml para 40 kg de peso vivo, via subcutânea

Os melhores resultados e o menor risco de reações no local de aplicação são obtidos quando a injeção é feita na “tábua do pescoço do animal”, utilizando-se agulhas de 15x15 para bezerros e 15x18 para adultos.

ANDRÉ MONTEIRO DE SOUZA,
Médico veterinário (CRMV MG 6930)
Supervisor Linha Saúde

Em busca da eficiência reprodutiva

Inseminação Artificial em Tempo Fixo (IATF) ganha espaço na pecuária de corte, pois apresenta vantagens sobre a IA convencional, potencializando resultados.

A pecuária de corte do Brasil vem se desenvolvendo significativamente nos últimos anos, embasada no aumento da eficiência produtiva e na elevação das taxas de desfrute, índice este que, em 2006, se estabeleceu em torno de 21,72% do rebanho nacional, segundo dados da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Nesse cenário, todas as fases do sistema produtivo de bovinos de corte ganharam importância, destacando-se entre elas a fase de cria, uma vez que a matriz bovina é a unidade de produção desse sistema e a eficiência produtiva da atividade normalmente é avaliada considerando os quilos de bezerros desmamados/matriz/hectare/ano.

Por sua vez, diretamente relacionados à rentabilidade da pecuária de corte encontram-se os manejos reprodutivos dos rebanhos, pois estes interferem diretamente nos aspectos quantitativo e qualitativo dos bezerros produzidos, principalmente quando considerada a época de nascimento e o potencial genético dos animais.

Nos últimos anos, novas tecnologias e manejos foram desenvolvidos, buscando tornar eficiente, viável e auto-sustentável a exploração comercial de bovinos de corte no Brasil. Dentre os diversos avanços tecnológicos e ferramentas de manejos, destacam-se a implantação de estações de monta e a adoção da técnica de inseminação artificial (IA).

A adoção de um período para realização

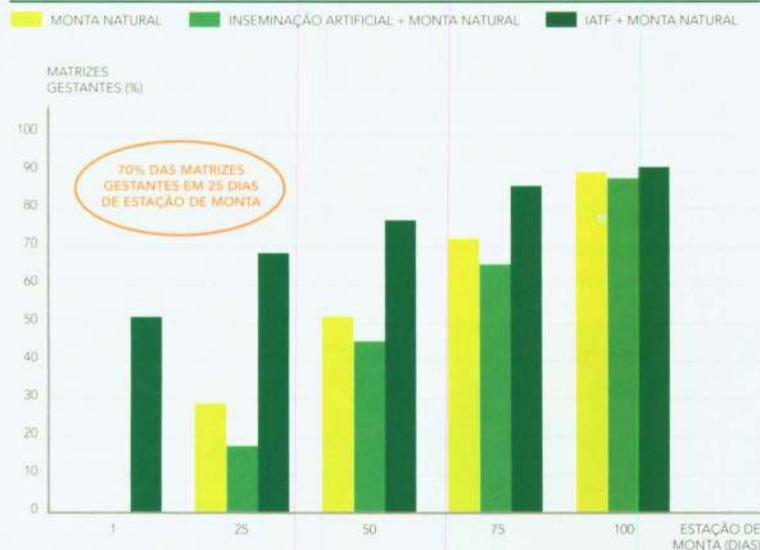
do manejo de monta permite ao pecuarista definir as épocas do ano mais favoráveis à ocorrência de coberturas das matrizes, nascimentos e desmames dos bezerros.

Associada à implantação das estações de monta, a adoção da técnica de inseminação artificial tornou-se estratégia reprodutiva fundamental, pelo melhoramento genético proporcionado aos plantéis e pelo controle de doenças reprodutivas. No entanto, embora a técnica apresente características desejáveis, baixas taxas de serviço têm sido observadas em decorrência da aciclicidade das matrizes no período pós-parto e de falhas na detecção de cio, que comprometem os resultados e geram perdas na eficiência reprodutiva dos rebanhos.

NOVAS TÉCNICAS, COMO A IATF, OBJETIVAM POTENCIALIZAR PRODUÇÃO DE BEZERROS, COM MAIS LUCRO AO CRIADOR



COMPARATIVO ENTRE DIFERENTES ESTRATÉGIAS DE MANEJO REPRODUTIVO



Nesse contexto, a técnica de inseminação artificial em tempo fixo (IATF) foi desenvolvida com o objetivo de ser alternativa à IA convencional, por dispensar a necessidade de detecção de cio, além de associar a indução de ciclicidade e a sincronização da ovulação, permitindo concentrar os manejos e reduzir a duração da estação de monta.

Como vantagens observadas com a utilização da IATF temos:

- Melhoramento genético do rebanho (aumento do número de bezerros provenientes de IA);
- Eliminação da necessidade de observação de cios, evitando erros de detecção;
- Inseminações das matrizes no "momento ideal", diminuindo o desperdício de sêmen, material e mão-de-obra;
- Possibilidade de concentração dos manejos reprodutivos do rebanho em curtos períodos de tempo;
- Indução de ciclicidade em vacas em anestro, permitindo a inseminação dessas matrizes;
- Concentração do cio do retorno (17 a 25 dias), facilitando a detecção e a inseminação das matrizes falhadas no primeiro manejo;
- Redução do intervalo de partos;
- Possibilidade de altas taxas de prenhez no início da estação de monta;

- Concentração da mão-de-obra, diminuindo o número de horas extras com funcionários, evitando, assim, futuros problemas trabalhistas;

- Diminuição do descarte e do custo de reposição de matrizes do rebanho;

- Economia na aquisição de touros para repasse (com o uso da IATF, reduzimos a necessidade de touros para repasse, se comparado à inseminação artificial tradicional);

- Melhor uniformidade e padronização dos lotes de bezerros (concentrando os nascimentos na mesma época, o lote possivelmente apresentará os mesmos padrão e peso, obtendo melhores preços na venda);

- Maior peso de bezerros ao desmame.

A utilização da IATF deve ser implementada a campo. Entretanto, seus resultados estarão diretamente relacionados à adequada nutrição, à sanidade, à qualidade de sêmen e ao inseminador, sendo sempre associados ao bom índice de condição do corporal das matrizes (ICC).

AYDISON NOGUEIRA.
Zootecnista (CRMV-SP 02017/Z)
Assistente técnico-comercial (SP)

Os primeiros cuidados com os leitões

Umbigo, cauda e castração, três procedimentos feitos ainda na maternidade para preparar o suíno para sua vida produtiva.

Dentre as medidas de manejo relacionadas aos leitões na fase de maternidade, citamos três importantes desse período, que são o corte e a desinfecção do umbigo, o corte da cauda e a castração.

Corte e desinfecção do umbigo - O cordão umbilical é o elo de comunicação entre a mãe e o feto durante o período de gestação. É por meio dessa via que substâncias nutritivas e oxigênio são levados ao feto e parte dos catabólitos é eliminada. O rompimento após o nascimento ocorre pela tração feita pelo leitão na tentativa de atingir os tetos da porca. Nesse caso, a porção ligada ao leitão pode ficar muito comprida e dificultar o seu deslocamento.

Embora o processo de cicatrização e queda do umbigo seja relativamente rápido (3 a 5 dias), o cordão umbilical pode servir como porta de entrada de germes causadores de infecções localizadas (onfalites e artrite) ou generalizadas (septicemias). Para reduzir esse risco, recomenda-se que, logo após o nascimento, seja feita a ligadura e o corte do umbigo.

Normalmente, utiliza-se para efetuar a ligadura um cordão (barbante ou fio) previamente desinfetado ou embebido em desinfetante. Na figura 1 pode ser vista a ligadura feita com a utilização

de uma “borrachinha de dinheiro” que, devido ao seu efeito de elasticidade, proporciona melhor eficácia nesse processo e maior facilidade no manejo.

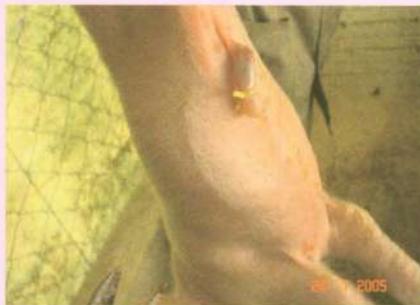


FIGURA 1 – LIGADURA DE CORDÃO UMBILICAL

Corte do último terço da cauda - O corte do último terço da cauda é adotado como medida preventiva contra o canibalismo, ou seja, o hábito de os suínos morderem a cauda uns dos outros e que pode determinar sérios danos ao animal.

Apesar de hoje ser conhecidos vários fatores desencadeantes do canibalismo, observa-se com frequência que ele se manifesta mesmo em criações com boa orientação técnica. A prática desse corte deve ser realizada nos primeiros três dias de vida do leitão e pode ser efetuada de quatro maneiras:

1 – Corta-se o último terço de uma só vez, com alicate desinfetado, e aplica-se solução de iodo para desinfetar o local

2 – No mesmo local, com alicate produz-se apenas o esmagamento da cauda. Conseqüentemente, haverá queda do último terço, entre três e quatro dias

3 – Atualmente, em algumas propriedades, utiliza-se para o corte da cauda um aparelho importado semelhante à tesoura, que possui em uma das lâminas um sistema de resistência elétrica, que possibilita realizar, ao mesmo tempo, o corte e a cauterização da ferida. Não é necessária a desinfecção do local e não se observa a ocorrência de hemorragias

4 – Em substituição ao aparelho importado, alguns criadores vêm utilizando um pequeno soldador elétrico, utilizado originalmente para soldar aparelhos eletrônicos. Esse soldador tem a extremidade semelhante a um pequeno machado, que se aquece com o aparelho ligado. Segura-se o animal com a cauda esticada e, num gesto firme, corta-se a cauda do

leitão. Do mesmo modo que no anterior, não é necessária a desinfecção do local e não se observa a ocorrência de hemorragias. Como mostra a Figura 2.

O corte do último terço da cauda é o método mais eficaz para a prevenção do canibalismo. Para sua realização, recomenda-se a utilização de aparelhos que possibilitem o corte e a cauterização, simultaneamente. Na ausência do tal equipamento, recomenda-se que o corte da cauda seja realizado pelo método do esmagamento.

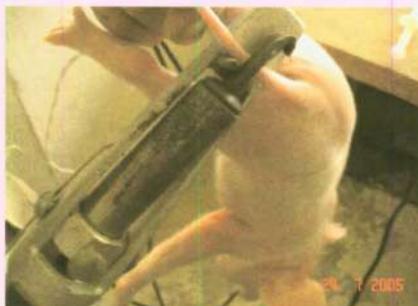


FIGURA 2 – CORTE DA CAUDA DO LEITÃO

Castração dos leitões - Castração é a prática de manejo de caráter cirúrgico realizada com o objetivo de evitar a venda de carnes de animais inteiros ao consumidor, devido ao odor e ao sabor desagradáveis, que não são eliminados nem destruídos pela cocção ou pelo processo de industrialização. A castração é, portanto, a forma mais eficaz de eliminar o risco de aparecimento destas características desagradáveis.

A castração dos leitões destinados à terminação pode ser realizada em qualquer idade, porém existem certas vantagens que favorecem a castração nas primeiras semanas de vida. Entre elas, citam-se:

- . Os leitões estão confinados e são mais acessíveis;

- . Pouca mão-de-obra: uma pessoa para conter o leitão e outra para realizar a castração;

- . Facilidade da operação;
- . A ocorrência de hemorragia é rara;
- . Cicatrização rápida e inexistência de risco ou complicação na operação;

- . Menor chance de ocorrer infecção e, sobretudo, perdas totais por morte;

- . O estresse para o leitão é menor;
- . Quando morrer um leitão castrado nessa idade, a perda econômica é menor do

que quando morrer um leitão mais velho.

No dia da castração, bem como durante o período de recuperação, não devem ser realizadas outras práticas de manejo, tais como everminação, vacinações, desmama e transferência para outras instalações. Essas práticas associadas à castração podem diminuir a resistência do leitão, favorecendo a instalação de outras doenças.

Dentre os métodos de castração utilizados temos:

O método de castração inguinal, em que a incisão é feita no último par de tetos (na linha média). Após o que, introduz-se o dedo indicador e, tracionando-se o cordão espermático, expõem-se os testículos envolvidos. Com o bisturi, raspam-se os cordões para ruptura mais branda.

Na castração escrotal, realiza-se incisão sobre cada testículo verticalmente, exteriorizando-os. O passo seguinte é o tracionamento para que o cordão espermático fique exposto e seja raspado com o auxílio do bisturi até se romper. Não há necessidade de se realizar a ligadura do cordão.

Como terceira opção, apresenta-se a castração escrotal, em que se faz uma incisão transversal sobre os dois testículos (Figura 3), por meio da qual eles são exteriorizados. A seguir, eles são submetidos à tração com auxílio dos dedos polegar, indicador e médio e são estirpados (arrancados) da cavidade escrotal.



FIGURA 3 – INCISÃO TRANSVERSAL DOS TESTÍCULOS

Este último método tem sido utilizado em uma granja no Norte do Rio Grande do Sul e, segundo o proprietário, a grande vantagem é que não apresenta hemorragia, além da praticidade da operação, que é realizada por uma única pessoa.

MAURICIO ZANCANARO
Médico veterinário (CRMV-RS 07894)
Assistente técnico em suinocultura (RS)

Os perigos e os prejuízos da cisticercose bovina

O que é, qual o ciclo e como combater essa zoonose que está entre as principais causas de condenações de carcaças nos frigoríficos.

A cisticercose bovina é a zoonose parasitária mais freqüentemente diagnosticada em matadouros frigoríficos. Também é a principal causa de condenações ou aproveitamentos condicionais de carcaças. Sua incidência vem crescendo, já que algumas condições podem colaborar para este aumento de prevalência, tais como:

- . Proximidade maior da pecuária com as áreas urbanas;
- . Proximidade da pecuária com a agricultura, principalmente em culturas que exigem muita mão-de-obra;
- . Precariedade das condições sanitárias e baixos níveis socioeconômico e cultural da população;
- . Utilização de técnicas de produção, como o confinamento e a irrigação;
- . Falta de política direcionada ao combate e à prevenção da doença.

Em relação à pecuária, a cisticercose é uma doença "silenciosa", já que normalmente não se manifesta no animal, mas será um achado de frigorífico, e então já é tarde demais para se evitar o prejuízo.

O que é cisticercose? - É uma antropozoonose (doença passada do homem para o animal), transmitida pelos ovos da *Taenia saginata* nos bovinos.

Teníase é o nome da doença no homem (hospedeiro definitivo), que carrega em seu tubo digestivo o verme adulto (*Taenia saginata*). O tamanho da *Taenia* é, em média, de 4 a 12 metros. No entanto, já houve casos de até 25 metros.

O verme alcança a maturidade em três meses. A *Taenia* é formada por segmentos (anéis) chamados de proglotes. Cada *Taenia* pode conter de 1 a 2 mil proglotes finais viáveis. Estes são eliminados entre 8 a 10 por dia, e assim liberam de 50 a 80 mil ovos por proglote.

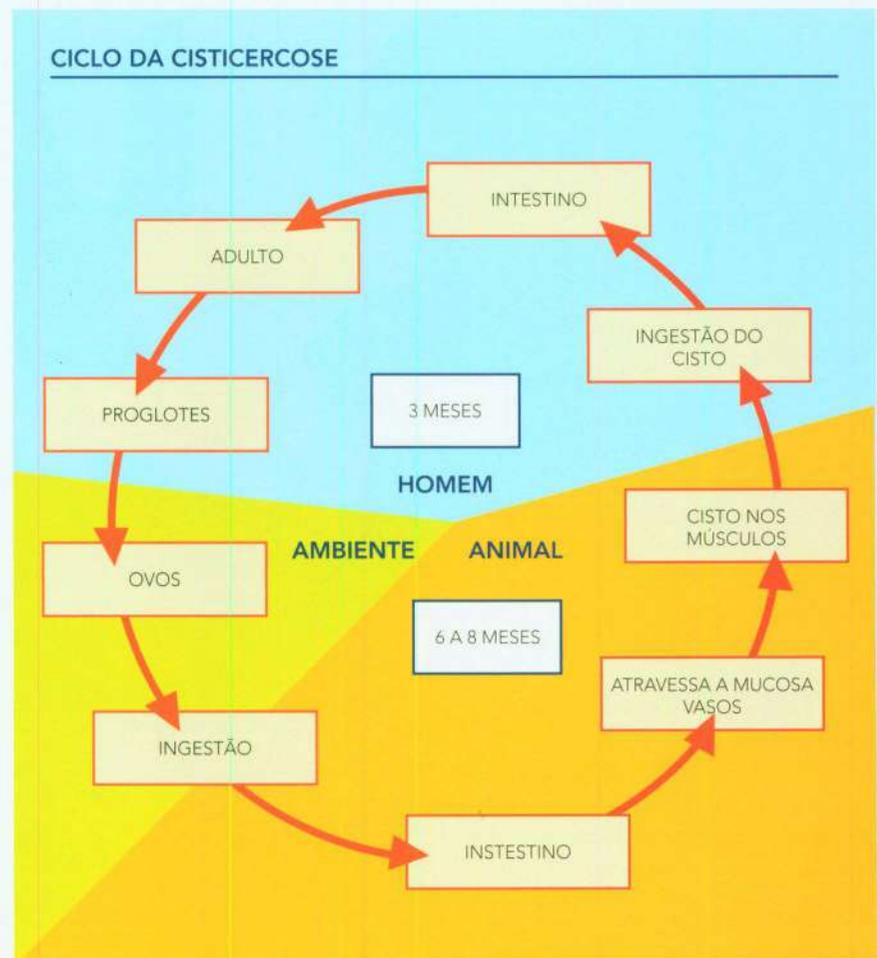
Assim, uma *Taenia* adulta no homem poderá liberar nas fezes até 800 mil ovos no meio.

Os ovos podem permanecer viáveis no ambiente por até um ano e são resistentes à umidade, calor, luz solar e à maioria dos desinfetantes.

Cisticercose é o nome da doença no bovino (hospedeiro intermediário), que carrega em seu corpo a larva encistada (*Cysticercus bovis*). Cisticercos são vesícu-

las larvais (cistos) cinza esbranquiçados de 4 a 6 mm por 3 a 5 mm. Alcançam maturidade entre 60 e 80 dias e podem permanecer viável por aproximadamente oito meses no animal.

No corpo do bovino, têm predileção por regiões musculares com alta irrigação sanguínea, como coração (incidência em 78% dos casos), músculo masseter responsável pela mastigação (77%), língua (75%) e outros, como diafragma e esôfago.



PREJUÍZOS DA DOENÇA

Para o produtor - A presença do cisticercose na carcaça traz prejuízos variáveis, dependendo do grau de infecção. Na melhor das hipóteses, perderá pela retirada local de carne, nos casos de pouca infecção. Na pior, poderá haver a condenação total de carcaça, quando o produtor nada receberá. O frigorífico poderá pagar menos 10%, 50% ou ainda nenhum pagamento, dependendo do grau de infecção.

Uma vez descoberta a cisticercose, dependendo da frequência, o produtor poderá ficar estigmatizado e até ter recusa de abate pelos frigoríficos, nos casos mais graves.

Para o frigorífico - Perda da retirada do pedaço infectado, que desfigura e desvaloriza a carcaça. No caso de tratamento pelo frio, a carcaça deverá ficar em câmaras de -10°C por, no mínimo, 15 dias, o que traz custos de armazenamento, além da perda de oportunidades financeiras. Por esse processo, ainda será vendida a preços menores no varejo. Nos casos mais graves, há perda pelo descarte (graxaria) ou a carcaça deverá sofrer tratamento pelo calor, o que eleva o custo de processamento. As vísceras não poderão ser aproveitadas.

COMO PREVENIR/CONTROLAR A DOENÇA

Nos seres humanos - O controle básico baseia-se em evitar a infecção no homem e a contaminação no ambiente, o que deve ser feito a partir da utilização de fossas sépticas e evitando o consumo de carne que não seja controlada pelos órgãos de inspeção sanitária.

Nos bovinos - São vários os procedimentos:

1. Impedir a entrada da doença na propriedade:

- . Aquisição de animais procedentes de locais sem incidência de cisticercose.

- . Periodicamente medicar os trabalhadores (fixos e temporários) contra verminoses.

- . Manter a higiene sanitária na pro-

priedade com a implantação de fossas e esgotos.

2. Se há casos registrados na propriedade, evitar a disseminação:

- . Fornecer água de fonte conhecida. Evitar bebedouros em rios, lagoas ou água parada, principalmente se nas proximidades de cidades, vilarejos e acampamentos.

- . A forma mais eficiente de combate à cisticercose é a aplicação de Sulfóxido de Albendazole injetável no animal. A dose indicada é de 1 ml de Albendathor Injetável para cada 20 kg de peso vivo. Deve ser feita mais de uma dose (2 ou 3), sendo a última aplicação no mínimo 40 dias antes do abate.

Cuidados na aplicação - Devido a determinados componentes dos produtos disponíveis, pode ocasionalmente ocorrer tumefação no local da aplicação. Tal

reação é transitória e desaparece sem a necessidade de tratamento. No entanto, a aplicação deverá respeitar algumas regras, a fim de evitar maiores reações locais.

Deverá ser exclusivamente subcutânea, aplicada na região da "tábua do peçoço", onde a pele é mais solta. Cuidado especial deve ser tomado para não atingir a musculatura. Utilizar agulhas 15x18 (para adultos) ou 15x15 (para bezerras). Não aplicar mais de 10 ml em um só ponto. No caso de aplicação de volumes maiores que 10 ml, dividir a aplicação em vários locais. Respeitar todas as regras de limpeza e assepsia, para que não haja contaminação local.

MÁRCIO UONO
Médico veterinário
Gerente administrativo Linha Saúde



CISTICERCOSE CAUSA PERDAS EXPRESSIVAS NOS FRIGORÍFICOS

O que é preciso saber sobre as pastagens para eqüinos

Cynodon, Digitaria, Brachiaria, Pennisetum, azevém. Os criadores precisam avaliar as condições e escolher o que melhor se adapta às necessidades dos seus animais.

Desde a domesticação do cavalo até os dias de hoje, as pastagens representam o *habitat* natural dos eqüinos, atuando diretamente na sua alimentação e se constituindo em local de exercício, desintoxicação muscular e síntese de vitamina D.

No século passado, houve um período de intensa artificialização na criação do cavalo, e as pastagens tomaram importância secundária no sistema de produção, provocando diversos distúrbios digestivos, com prejuízos ao seu bem-estar e ao desempenho esportivo. A partir da década de 1970, observa-se em todo o mundo retorno às práticas naturais de criação e o resultado observado foi estreita relação entre cavalos excepcionais x boas pastagens x bons criadores.

A pastagem é uma das frações mais econômicas da alimentação dos cavalos, além de ser produzida no próprio haras, cabanha ou fazenda, não precisa ser colhida, podendo ser consumida diretamente pelos animais no campo ou fornecida no cocho *in natura*, picada ou sob a forma de feno. As pastagens tropicais, devido à maior luminosidade a que as plantas são submetidas e a sua grande capacidade fotossintética, chegam a ser duas vezes mais produtivas que as pastagens de clima temperado. Esse fato nos coloca em condições de procurar reduzir o custo da criação de animais, a partir da formação de boas pastagens, que, se bem manejadas, serão capazes de fornecer alguns nutrientes para a boa manutenção dos animais, logicamente sempre aliada à boa mineralização, específica para eqüinos, normalmente oferecida em cochos

cobertos, de livre acesso aos animais e protegidos nas laterais.

Acredita-se que cavalos criados exclusivamente em regime de pasto despendem cerca de 12 horas ou mais em pastejo. Um hábito interessante observado entre os animais adultos em pastejo é a defesa do território, por meio da demarcação com fezes. Os eqüinos adultos defecam cerca de seis a doze vezes ao dia, dependendo da natureza do alimento ingerido. As áreas onde o animal defeca passam a não ser pastejadas, criando extrato vegetal de tamanho diferente na pastagem. Por isso, é comum observar-se em pastagens de eqüinos vários montes de gramíneas maiores e de coloração mais escura que não são consumidos. Os animais estratificam-se no plantel, no qual o líder geralmente é uma égua mais velha, obviamente no caso de não haver nenhum ganhão no lote. Os ganhões defecam invariavelmente nos mesmos locais, demonstrando comportamento de territorialidade.

Eqüinos apresentam livre e intensa movimentação pelo piquete e isso exige a ausência total de obstáculos, tais como buracos, cupins etc.

Espécie Forrageira

Eqüinos são considerados, por força de seu comportamento natural, os herbívoros mais daninhos à manutenção e à sobrevivência das pastagens, pois apresentam incisivos superiores e inferiores e utilizam os lábios como órgão de preensão da forragem. Uma vez enfiado o alimento, o corte se dá rente ao solo, e

essa desfolha intensa altera a arquitetura da forragem para suportar o estresse.

A sobrevivência da forrageira em suportar a enérgica desfolha praticada pelo eqüino está diretamente relacionada à sua capacidade de gramar o terreno e suportar eventual decapitação de seu meristema apical.

Portanto, a escolha da espécie forrageira deve levar em conta a condição de clima do local, resistência ao pisoteio e desfolha intensa, valor nutritivo, aceitabilidade pelo animal e resistência a pragas e doenças.

Pelas dimensões de nosso país é natural que exista enorme diversidade de pastagens, com destaque para:

Gênero *Cynodon* – Mais utilizado nos criatórios de cavalo no Brasil, com destaque a *Coast-Cross*, *Tifton 85*, *Estrela Africana*, *Bermudas*, *jiggs*, *Florakirk* etc.

Este gênero propaga-se exclusivamente por mudas e seu sucesso prende-se às características de alta palatabilidade e resistência aos hábitos de pastejo do cavalo. Também oferecem excelente feno, por apresentar ótima relação folha/haste, e colmos finos e são altamente exigentes em fertilidade do solo.

Gênero *Digitaria* – *Capins Transvala* e *Pangola*, muito difundido em haras de São Paulo. Apresenta boa aceitação e alta agressividade em colonizar o terreno e fenos de boa e ótima qualidade. Propaga-se por mudas.

Gênero *Pennisetum* – Restrito à espécie *Pennisetum clandestinum*, capim Quicuío Verdadeiro, está praticamente



confinado na região metropolitana de Curitiba (PR) e regiões serranas de São Paulo e Rio de Janeiro. É um capim de excelente valor nutritivo e alta aceitabilidade, sendo muito exigente em fertilidade do solo.

Gênero *Brachiaria* – Difundido em toda região central do Brasil. Embora o equino não consuma as espécies *B. brizantha* e *B. decumbens*, aceita com restrições a *B. humidicola* e avidamente o híbrido Mutica x Arrecta (Tangola). Esse último propaga-se exclusivamente por mudas e exige solos férteis e de alta umidade.

Azevém e trevos são bastante utilizados como pastagens cultivadas no Sul do Brasil, restritos ao período invernal do ano.

A grande maioria das áreas do Brasil Central apresenta pastagens de *Brachiaria brizantha* como opção de forrageira, principalmente a *Brachiaria humidicola*. Entretanto, a utilização de pastagens dessa espécie para equinos, a despeito de suas características agronômicas desejáveis e boa aceitação, vem apresentando sérios problemas para a saúde e o desempenho desses animais. Via de regra, os equinos que a utilizam apresentam desenvolvimento

retardado, baixo rendimento no trabalho, além de problemas sanitários e distúrbios metabólicos. Frequentemente, ocorre intoxicação, manqueira, indisposição, cansaço, emagrecimento, fraturas e mesmo morte. As principais causas desses problemas residem na baixa qualidade da forrageira, especialmente reduzido conteúdo protéico e de minerais, elevados teores de fibra e altas concentrações de substâncias indesejáveis (ácido oxálico). O déficit protéico na dieta dos animais normalmente interfere nos seus desenvolvimentos e desempenho. Um dos problemas é a fotossensibilização decorrente da ingestão constante da toxina do fungo *Pithomyces chartarum*, que prolifera também nessa espécie forrageira, atingindo principalmente os animais despigmentados.

Constitui agravante ao desequilíbrio nutricional dos cavalos o fato de receberem comumente o mesmo suplemento mineral dos bovinos, quando em criações mistas. Os suplementos minerais formulados para bovinos não são apropriados para equinos, devido à elevada concentração de fósforo e ao baixo teor de cálcio. Sabe-se que

“A BAIXA QUALIDADE DA FORRAGEIRA PODE SER A CAUSA DE INTOXICAÇÃO, MANQUEIRA, CANSAÇO, EMAGRECIMENTO, FRATURAS...”

a ingestão, pelos equinos, de plantas com altas concentrações de ácido oxálico traz reflexos negativos sobre o metabolismo do cálcio, podendo provocar distúrbios na formação óssea (as chamadas osteodistrofias), com maiores efeitos em fêmeas gestantes ou em lactação e em animais jovens na fase de crescimento. Entre as osteodistrofias, a mais notória é a cara inchada (hiperparatireoidismo nutricional secundário), caracterizada por inchaço bilateral dos ossos da face. A alternativa mais viável para equacionar esse problema, em equinos mantidos exclusivamente a pasto, é o fornecimento de suplemento mineral apropriado.

Concluindo, as pastagens para equinos devem ser consideradas como cultura perene, cujo estabelecimento é caro e, conseqüentemente, o manejo deve visar à perenidade da forrageira.

CADA RAÇA EQUINA TEM SUAS EXIGÊNCIAS ESPECÍFICAS. POR ISSO, CRIADOR DEVE FICAR ATENTO À ESPÉCIE DE FORRAGEIRA OFERECIDA

ADAPTAÇÃO ANIMAL E O INCREMENTO DA PRODUTIVIDADE

Não basta investir em nutrição, genética e sanidade. É preciso, também, se ater à biologia do bovino para se obter o seu máximo desempenho.

A bovinocultura de corte tem se desenvolvido rapidamente nos últimos anos. Todavia, as pesquisas são direcionadas, na sua maior parte, às áreas de nutrição, melhoramento genético e reprodução. Apesar de essas abordagens contribuam muito, trazendo inúmeros benefícios para o setor pecuário, o animal acaba sendo comparado a uma “máquina produtiva”, dependendo essencialmente da nutrição para responder às necessidades da produção.

Essa situação demonstra despreocupação com a biologia do bovino, o que tem limitado o entendimento de algumas respostas encontradas nos trabalhos de pesquisa direcionados ao aumento de produção e/ou à melhoria da qualidade da carne.

Além disso, a implantação de programas de qualidade de carne geralmente tem como ênfase apenas a obtenção de produtos de qualidade, com alta palatabilidade, ou seja, produtos que atinjam os níveis de maciez, sabor e suculência exigidos pelo consumidor. Entretanto, tais programas devem considerar mais do que as qualidades intrínsecas do produto, tendo em vista outras perspectivas, que devem orientar o processo produtivo, os compromissos com o elemento humano e a preservação ambiental. Enfim, devem oferecer alimento seguro e nutritivo, produzido de forma sustentável com o compromisso de promover o bem-estar humano e animal e que leve em conta a lucratividade do produtor.

Nesse contexto, o estudo de alguns conceitos, como a etologia, a bioclimatologia e, em especial, a adaptação animal como resultante da interação entre estas duas bases, pode proporcionar nova perspectiva para o modelo convencional

de abordagem científica zootécnica, discutindo situações até então não consideradas ou mal compreendidas.

De acordo com o conceito biológico, adaptação é o resultado da ação conjunta de características morfológicas, anatômicas, fisiológicas, bioquímicas e comportamentais, no sentido de promover o bem-estar e favorecer a sobrevivência de um organismo em ambiente específico.

Do ponto de vista genético, a adaptação é o conjunto de alterações herdáveis nas características que favorecem a sobrevivência de uma população de indivíduos em determinado ambiente, podendo envolver modificações evolutivas em muitas gerações (seleção natural) ou a aquisição de propriedades genéticas específicas (seleção artificial).

A adaptação é, portanto, um conceito relativo e, ao tentar compreendê-la, devemos ter em mente o seguinte questionamento: “Adaptação a que?”.

Se a resposta a esta questão for “ao ambiente”, então também é necessário o conhecimento do meio e a total compreensão dos fatores estressantes promovidos pelo mesmo. Afinal, um organismo qualquer é sempre consequência do ambiente em que vive.

Ao encarmos as propriedades rurais como empresas, segundo enfoque voltado ao processo produtivo intenso, não podemos esquecer que as interações vividas diariamente pelos bovinos nestes estabelecimentos afetam diretamente a

qualidade do produto ofertado ao consumidor e que, por vezes, o compromisso de aumentar os índices produtivos promove manejo inadequado que acarreta prejuízos ao produtor.

Com essa abordagem, percebemos, então, que adaptação e manejo devem caminhar juntos e que o estudo mais detalhado de tal conceito pode auxiliar de forma efetiva e coerente o entendimento do processo produtivo, diminuindo a possibilidade de interpretações empíricas nas observações dos animais. Por consequência, facilitar o manejo, melhorar sua qualidade de vida e obter produto final de qualidade.

Assim, é importante buscarmos o pleno conhecimento da biologia da espécie bovina, definindo quais recursos são importantes para esses animais e quais as necessidades dos mesmos em relação a eles.

A aplicação desses conhecimentos na rotina das propriedades é um desafio ainda maior. A falta de conhecimento associada à resistência humana e a mudanças no trabalho constitui um dos entraves a ser superados ao objetivar a implantação de programas que visem a maior e melhor utilização do meio por animais capacitados a este processo.

Contudo, fica a lição de que em atividades como a pecuária, em que a margem de lucro é escassa e as dificuldades enfrentadas pelo setor não se resumem apenas ao ambiente, mas também a questões de cunho político e econômico, o correto entendimento do processo de produção tornou-se fundamental. Devemos, portanto, encarar este processo como um sistema dinâmico, que agrega inúmeras variáveis de diversas áreas, e que por consequência deverá objetivar o total equilíbrio entre as explorações animal e ambiental e a produtividade almejada, gerando assim máxima lucratividade ao produtor.

SORAYA TANURE

Médica veterinária, mestranda do programa de pós-graduação em zootecnia – Departamento de Produção Animal, da Faculdade de Agronomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GADO NELORE DAS
FAZENDAS REUNIDAS, DA BAHIA



Vamos falar de **ÁGUA!**

É preciso dar à água a importância que ela merece na nutrição dos suínos.

Em um sistema de produção de suínos existe preocupação constante quanto à genética, à nutrição e aos aspectos sanitários do plantel. Contudo, quando consideramos a nutrição, a atenção é dada para o atendimento dos requerimentos de energia, proteína, aminoácidos, minerais e vitaminas. Sendo esses fornecidos aos suínos por meio da ração.

Mas, e a água? Mais uma vez nos deparamos com este importante nutriente que, mesmo sendo o mais essencial e barato, ainda é esquecido. Seguem algumas informações básicas sobre a importância da água para os suínos, para que nas suas criação e produção o consumo adequado possa ser atingido.

Funções fisiológicas da água - A água é um nutriente essencial para o desenvolvimento dos animais. Entre as principais funções fisiológicas, destacamos a

de solvente do organismo, possibilitando a ocorrência das reações químicas, a de responsável pelo transporte de nutrientes, moléculas e outras substâncias orgânicas, a de essencial em processos como digestão, absorção e excreção de substâncias, a de atuar como lubrificante nos processos de mastigação, deglutição, excreção e nas articulações e auxilia na regulação da temperatura corporal, a de ser necessária para o bom funcionamento dos rins, intestino e sistema circulatório, além de manter o equilíbrio dos líquidos corporais, entre outras funções.

Efeitos da privação de água - Os animais submetidos à privação de água podem apresentar redução do consumo de ração, permanecer amontoados ao redor dos bebedouros, desidratação em vários graus, diarreia (leitões), aumento dos batimentos cardíacos, da taxa respi-

ratória e da temperatura corporal e morte. Estes sintomas ou atitudes podem facilitar a identificação de problemas com o fornecimento de água.

Recomendações para o suprimento de água

a) ajuste da altura: apesar da recomendação de altura para cada categoria, seria ideal o uso de bebedouros reguláveis. Os suínos crescem 4 cm a cada 16 dias, em média, sendo importante o ajuste em função desse desenvolvimento, principalmente nas fases de crescimento e terminação, quando os animais permanecem por maior período nas mesmas instalações.

b) modelo dos bebedouros: Diversos modelos de bebedouros estão disponíveis para os suínos. Alguns são mais adaptados para determinada fase. Na escolha

RECOMENDAÇÕES PARA SUPRIMENTO ADEQUADO DE ÁGUA PARA OS SUÍNOS

ADAPTADO: MWPS (1988), EMBRAPA/CNPSA (1994), BODMAN (1994) CITADOS POR OLIVEIRA (2007)

CATEGORIA	CONSUMO (l/DIA)	FLUXO (l/MIN)	TAÇA	MODELOS		NA/B
				NIPPLE	NÍVEL	
LEITÕES MATERNIDADE	1,0 - 2,0	0,25 - 0,40	X			LEIT.
LEITÕES CRECHE	1,5 - 2,0	0,50 - 0,60	X	X		10
CRESCIMENTO (25 - 50 Kg)	5,0 - 8,0	0,60 - 0,70		X	X	12
CRESCIMENTO (50 - 100 Kg)	6,0 - 9,0	0,75 - 1,00	X	X	X	15
LACTAÇÃO	30,0 - 40,0	1,50 - 2,00	X	X		1
GESTAÇÃO	15,0 - 20,0	1,00 - 2,00	X	X		15
CACHAÇO		1,50 - 2,00		X		15

do modelo, o importante é verificar se ele é indicado para a categoria na qual será utilizado. Também é importante conhecer sua especificação, a capacidade de atendimento dos animais na baia, a manutenção necessária e o desperdício de água.

Além dessas recomendações, deve-se garantir também número adequado de bebedouros e a qualidade da água.

Número de bebedouros - Para animais de produção, a relação entre bebedouros e animais deverá ser de 1:15 a 1:10, sendo que nas condições de temperatura encontradas no Brasil sugerimos o uso de 1:10 e de pelo menos 2 bebedouros por baia, mesmo quando o número de animais for inferior a 10.

Qualidade da água - Água suja ou contaminada com ração limita o consumo de água, do mesmo modo que elevado conteúdo de minerais, bactérias ou toxinas. Os padrões de qualidade devem ser atendidos e recomenda-se a realização periódica de análises química e bacteriológica da água. Sistemas de água deverão ser limpos e sanitizados pelo menos duas vezes por ano.

Razões para a redução do consumo de água - Entre as possíveis razões para a redução do consumo de água e o aparecimento dos sinais de privação, destacam-se falta de fornecimento de água ou entupimento das linhas e bicos, baixa pressão da água, número elevado de animais por baia, uso de modelo de bebedouro inadequado, altura inadequada dos bebedouros, baixa qualidade da água e temperatura da água.

O que deve ser feito na granja para o atendimento dos requerimentos de água dos animais nas diferentes fases? - Conhecendo as recomendações para o suprimento de água e as possíveis razões para a redução do consumo de água, estes itens deverão ser imediatamente verificados nas granjas. Posteriormente, uma verificação deverá ser realizada previamente antes da

entrada de novo lote nas salas ou galpões estabelecendo averiguação de rotina.

Fases importantes - No sistema de produção de suínos todos são importantes, porém três categorias merecem mais atenção no que se refere ao fornecimento de água: os leitões e as porcas em gestação e lactação.

Leitões na maternidade - Normalmente, considera-se que leitões recém-nascidos não necessitam de água, uma vez que sua exigência seria atendida pela água presente no leite. Entretanto, os leitões começam a consumir água no primeiro ou segundo dia de vida. O fornecimento de água para leitões recém-nascidos pode auxiliar a redução da mortalidade na maternidade, sendo recomendado para esta categoria o uso de bebedouros de copo ou prato. Considera-se, também, que leitões alojados em ambiente de temperatura superior a 28°C apresentam maior consumo de água, quando comparados àqueles alojados em ambiente com temperatura em torno de 20°C. A ocorrência de diarreia nos leitões também afeta o consumo de água. Animais saudáveis apresentam maior consumo diário de água.

Leitões na desmama - Leitões submetidos ao estresse da desmama apresentam dificuldade em encontrar o bebedouro e, uma vez que isso aconteça, terão seu consumo de ração limitado ou demorado, aumentando os problemas por ocasião da desmama. Para reduzir a desidratação logo após a desmama, deverão ser utilizados bebedouros no piso das baias de creche, durante os dois primeiros dias após a desmama. Devem-se deixar os bebedouros gotejando para chamar a atenção dos leitões e manter o bebedouro com água renovada. Também deverão estar posicionados em local iluminado e as recomendações de altura, localização e fluxo de água devem ser atendidas.

Porcas em gestação - O baixo consumo de água pelas porcas gestantes aumenta a incidência de problemas

urinários. Para se evitar cistite, as porcas devem ingerir pelo menos 15 litros de água por dia. Deverá ser oferecida água à vontade, fresca e de qualidade durante todo o dia. A movimentação das fêmeas deverá ser feita no mínimo quatro vezes ao dia para estimular o consumo de água e a micção (urinar).

Porcas em lactação - As porcas necessitam de elevada quantidade de água não apenas para garantir a secreção de leite, que varia entre 8 a 12 kg de leite / dia, mas também para excretar os produtos finais do metabolismo de nitrogênio, minerais e as toxinas na urina. O consumo diário de água por porca lactante varia entre 12 e 40 litros por dia com média em torno de 18 litros/dia. Em trabalhos de pesquisas, foi demonstrado que o ganho de peso de leitões lactentes tem correlação positiva com o consumo de água das porcas durante a lactação e o consumo de água das porcas poderá ser aumentado com o estímulo da atividade física dos animais.

Durante a lactação, as porcas deverão ser estimuladas a beber água, o que poderá ser feito pela troca contínua de água dos recipientes de abastecimento, da manipulação das chupetas pelos tratadores, do estímulo para porcas levantarem e ficarem de pé, realizando o condicionamento dos animais.

Considerações - Uma vez que água é um nutriente essencial, ela deve estar disponível durante todo o tempo de vida dos suínos, para todas as fases em quantidade e qualidade adequadas. Seu fornecimento deve ser uma das prioridades nas granjas. É preciso ter certeza de que os bebedouros funcionam apropriadamente durante todo o tempo. Lembrem-se: água também é um nutriente.

Encurtar o ciclo e aumentar o lucro – a cria

A suplementação adequada para cada fase garante o maior giro na pecuária.

A lucratividade da pecuária está intimamente ligada à idade de abate dos animais. Quanto mais tempo o animal fica na propriedade, mais caro fica o seu custo de produção. Aumentam os gastos com insumos, mão-de-obra, depreciação das pastagens, instalações etc.

Reduzir a idade de abate é o ponto-chave. E como isso pode ser feito? Com investimentos em tecnologia! Investir em genética, sanidade, nutrição, gerenciamento é fundamental. A nutrição é o item de maior influência na idade de abate. E vários são os pontos que devem ser observados: as pastagens, as estratégias para a seca, a suplementação mineral adequada e específica para cada fase de vida do animal e época do ano. A suplementação deve iniciar na fase de aleitamento. É nessa fase que os animais têm a melhor conversão alimentar de toda a sua vida. Investir nela é retorno garantido. Gasta-se menos comida para produzir mais carne.

A média nacional de peso à desmama é de 160 kg, mas o objetivo que se deve buscar é desmamar um bezerro que tenha cer-

ca de 50% do seu peso de abate: 235 a 250 kg (considerando peso de abate de 17% e 52% de rendimento). Mas esses resultados dificilmente são obtidos apenas com o leite produzido pela mãe, que apesar de ser um excelente alimento, não supre todas as necessidades do bezerro (Tabela 1), e esses nutrientes “deficientes” no leite são limitantes do desempenho (barril).

A adoção de nutrição diferenciada nessa fase é essencial e ela tem de ser feita com muito critério. A escolha do suplemento é decisiva para se obter desempenho com retorno financeiro. E a primeira pergunta que deve ser respondida é: a que sistema produtivo os bezerros serão submetidos após a desmama?

No Brasil, com absoluta certeza, a grande maioria responderá que os bezerros irão

para o pasto. Nesse caso, deve-se apenas suplementar os animais com os minerais que são deficientes na sua dieta, visando estimular o seu desenvolvimento.

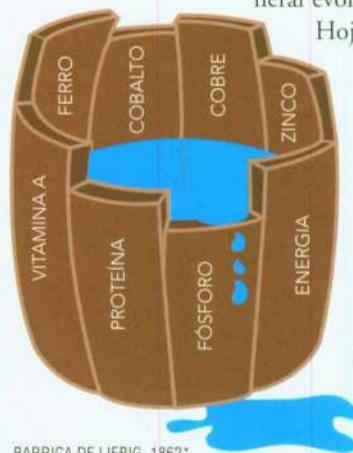
A tecnologia de suplementação mineral evoluiu muito nos últimos anos.

Hoje, existem suplementos minerais exclusivos para essa fase, com elementos de altíssima biodisponibilidade, como minerais sob a forma orgânica, que auxiliam o desenvolvimento da flora ruminal, fazendo com que o bezerro comece a pastar mais cedo e a aproveitar melhor esse capim, resultando em desmama mais pesada e, conseqüentemente, menor idade para a reprodução e o abate. Além de poupar as vacas, pastando mais

cedo, o bezerro fica menos dependente do leite da mãe, o que se reflete diretamente no melhor escore corporal e, conseqüentemente, no aumento da taxa de fertilidade das matrizes.

Para os animais que serão recriados em regime de pasto não deve ser fornecida ração. O motivo é que ao desmamar os animais o estresse é mais alto, o bezerro perde a companhia da mãe, o leite e a ração, ocasionando perda de peso e do dinheiro gasto na ração. Nesse caso, a flora ruminal está preparada para digerir o amido e não a celulose do capim. Então, para a recria feita em regime de pasto, o ideal é que a suplementação seja feita com produtos que incrementem o peso e preparem o animal para a desmama. É esse o segredo do alto desempenho dos bezerros que recebem essa suplementação, que é de baixo consumo e tem excelente relação custo/benefício.

Todas essas medidas têm como resultado desmama mais pesada, recria mais curta e, conseqüentemente, animais terminados para o abate mais cedo, aumentando o giro de capital e otimizando a utilização dos recursos, garantindo a lucratividade do boi verde brasileiro.



BARRICA DE LIEBIG, 1862*

QUANTIDADE DE MINERAIS CONTIDOS NO LEITE, EXIGÊNCIAS DE UM BEZERRO DE 150 KG E QUANTIDADE DEFICIENTE NO LEITE.

ELEMENTO	MINERAIS CONTIDOS EM 4 Kg DE LEITE	EXIGÊNCIA/DIA (PV= 150 Kg)	DIFERENÇA
CÁLCIO (g)	5,12	11,0	-5,88
POTÁSSIO (g)	6,00	12,0	-6,00
CLORO (g)	4,60	4,50	+0,1
FÓSFORO (g)	3,80	7,0	-3,20
SÓDIO (g)	2,52	3,00	-0,48
MAGNÉSIO (g)	0,60	3,00	-2,40
ENXOFRE (g)	1,40	2,80	-1,40
ZINCO (mg)	20	40	-20
FERRO (mg)	1,6	100	-98,4
COBRE (mg)	0,8	10	-9,2
IODÓ (mg)	0,2	2,0	-1,8
MANGANÊS (mg)	0,2	50	-49,8
COBALTO (mg)	0,02	0,011	-0,009
SELÊNIO (mg)	0,04	0,30	-0,26

* A FENDA MAIS BAIXA DA BARRICA ACIMA REPRESENTA O NUTRIENTE MAIS LIMITANTE (NO CASO, O FÓSFORO). OS DEMAIS NUTRIENTES NÃO SERIAM REALMENTE LIMITANTES ATÉ QUE O FÓSFORO FOSSE SUPLEMENTADO.

JULIANO SABELLA

Zootecnista

Coordenador de mercado de Gado de Corte

E a reprodução animal, COMO FICA?

O Brasil é o maior exportador mundial de carne bovina, mas será que a questão reprodutiva está merecendo a atenção necessária?

O Brasil possui o maior rebanho comercial do mundo (19% da população bovina mundial, segundo IBGE, FNP, USDA, SECEX), com grande expressão no cenário mundial da pecuária bovina e mercado de carne, ficando somente atrás da Índia, com rebanho de mais de 336 milhões de cabeças, segundo a consultoria FNP.

Diante dessa posição, é natural que o Brasil tenha os mais diversos sistemas de produção e em vários níveis. Hoje, podemos dizer que no nosso país existe a pecuária de ponta, de alta tecnologia, de ótimos índices produtivos, não devendo para nação nenhuma do mundo. O problema é que não temos a média de ponta. Os índices produtivos médios do Brasil são baixos, apesar de termos disponíveis as melhores tecnologias para produções de carne e leite implantadas em algumas propriedades.

De uns anos para cá, as exportações brasileiras de carne estão crescendo, tomando grande espaço nos mercados internacionais e até mesmo nos mercados mais exigentes do mundo. Isso tem levado a algumas mudanças no panorama da pecuária brasileira, como, por exemplo, aumento do número de animais abatidos por ano. Algumas estatísticas mostram que tivemos aumento de 54% no número de animais (machos e fêmeas) abatidos no Brasil de 1995 a 2005. Hoje, são cerca de 45 milhões de cabeças abatidas/ano, o que representa 18% dos abates mundiais. Aliando os crescentes abates de bovinos à expansão do mercado comprador no exterior, chegamos à constatação de que 31% da carne exportada no mundo são de origem brasileira!

Nesse pequeno resumo do cenário brasileiro e mundial da carne bovina, pode-

mos refletir sobre alguns pontos importantes, mas o que queremos chamar a atenção agora é a questão da reprodução bovina.

Estamos às vésperas do período de maior concentração das estações de monta no Brasil. Geralmente, esse trabalho é mais concentrado entre os meses de outubro a abril, com muita variação entre modelo e duração. Com o acasalamento sendo realizado em período pré-definido, podemos ter mais controle da fertilidade do rebanho, realizar descarte de animais, selecionar por características zootécnicas desejáveis na propriedade, desmamar lotes mais homogêneos e otimizar a mão-de-obra, além de outros procedimentos.

Como estamos, então, no período de preparação para reprodução induzida e também natural (naturalmente, em ambiente tropical observa-se a reprodução mais intensa nos períodos de chuva e fatura de alimento), vale a pena pensar um pouco sobre a seguinte questão: estamos abatendo mais animais. Estamos aumentando a exportação de carne bovina. Estamos observando a implantação de megaprojetos de engorda intensiva de bovinos. Também de recria de animais. Mas os investimentos em rebanhos de cria não estão acompanhando o mesmo ritmo! Algumas estimativas demonstram que tivemos abate muito expressivo de vacas e novilhas nos últimos 3/4 anos. Alguns pesquisadores até chegam a afirmar que em futuro próximo teremos dificuldade para encontrar animais para engorda confinada. Será que não é hora de intensificar a cria? Será que não podemos investir numa atividade que dará sustentação ao sistema hoje em franco crescimento?

O produtor que tiver como foco a intensificação e a melhoria dos índices repro-

ditivos de sua propriedade poderá ter um futuro mais promissor nessa atividade, que está se profissionalizando cada vez mais.

Hoje, é possível obter índices de prenhez acima de 90% com bom pasto e suplementação com Fosbovi Reprodução. Este produto fornece todos os minerais (macro e microelementos) para atender às mais exigentes categorias de fêmeas em reprodução, como primíparas, vacas com bezerro ao pé e novilhas. Juntamente com Fosbovinho, suplemento mineral para bezerros ao pé da vaca, podemos incrementar ainda mais os índices reprodutivos, pois algumas pesquisas indicam que o sistema *creep-feeding* auxilia a reprodução das vacas e melhora o peso à desmama dos bezerros.

O Ortofosfato Bicálcico Desfluorizado, produzido pela Tortuga, é a fonte de cálcio e fósforo de alta solubilidade para estas categorias animais. Já os microminerais orgânicos, fruto da ligação entre um íon mineral e uma molécula orgânica, têm maior biodisponibilidade, atendendo com eficiência e segurança aos requerimentos daqueles animais.

O Programa Boi Verde, da Tortuga, fornece de forma bastante eficiente estes minerais para que seus animais tenham o melhor desempenho possível, de acordo com as condições existentes na propriedade e com relação custo-benefício bastante interessante para o criador.

Em tempos de globalização e de economia mais especializada, é necessário pensar nos detalhes que fazem a nossa produção estar dentro de patamares viáveis. Nos dias de hoje, vale pensar também na questão de cria eficiente, produzindo bezerros de qualidade, que serão o grande mercado para alguns meses futuros.

LUIS FERNANDO M. TAMASSIA,
Médico veterinário (CRMV-SP 10.370)
Gerente técnico de Vendas e
coordenador de Confinamento

INOVAÇÃO

É hora de vacinar

Em novembro, será realizada a maior imunização da história da pecuária brasileira, com demanda superior a 143 milhões de doses.

Tudo pronto para a maior vacinação contra febre aftosa da pecuária brasileira. E a indústria veterinária se preparou para esse desafio, tendo mais de 147 milhões de doses em estoque. Com isso, aguarda campanha tranqüila em novembro, quando nada menos que 16 Estados brasileiros realizarão a segunda etapa da vacinação oficial contra a doença.

Dados da Central de Selagem de Vacinas indicam que 218,1 milhões de doses já foram comercializadas em 2007, sendo 183,722 milhões no primeiro semestre do ano, quando aconteceu a primeira fase da campanha oficial de vacinação. De julho a setembro, 34,3 milhões de doses foram repassadas aos revendedores. Porém, o ponto alto acontecerá em novembro, quando o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) estima o consumo de 143,259 milhões de doses de vacinas.

Mário Pulga, vice-presidente de Febre Aftosa do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Saúde Animal (Sindan), entidade responsável pela Central de Selagem em parceria com o MAPA, afirma que a indústria está fazendo sua parte no sentido de disponibilizar a quantidade adequada de vacinas para atender a demanda prevista pelo Ministério. Por outro lado, o Sindan solicita ao MAPA que não permita atrasos na liberação das vacinas para não comprometer a distribuição e a oferta de vacinas na campanha oficial de vacinação.

O vice-presidente do Sindan explica que as vacinas são produzidas pelos labo-

CONTRA A AFTOSA

ratórios e enviadas à Central de Selagem de Vacinas, que as recebe sob a supervisão dos fiscais do MAPA. Os volumes entregues são conferidos e, em seguida, amostras de controle são coletadas e enviadas aos laboratórios de controle do Ministério em embalagens lacradas por seus fiscais. As vacinas, então, ficam em área de quarentena até que os resultados dos controles sejam oficializados. Os lotes de vacinas aprovados são encaminhados para o setor de selagem, onde cada frasco recebe selo holográfico de segurança. Após a selagem, as vacinas ficam à disposição dos laboratórios para livre comercialização.

“Acreditamos que a segunda fase da campanha de vacinação contra a febre aftosa transcorrerá com tranqüilidade, a exemplo da primeira fase, realizada em maio. A indústria veterinária disponibilizou a quantidade de vacinas necessária para atender toda a demanda do MAPA e ainda manter o estoque de segurança de-

terminado pelo órgão. Assim, esperamos novos avanços no controle da doença, especialmente nesse momento em que toda a cadeia produtiva está sensibilizada com a importância do controle sanitário dos rebanhos, com vistas a atender adequadamente as missões internacionais que vieram e vêm ao País”, afirma o vice-presidente do Sindan.

A vacinação contra a febre aftosa é obrigatória. Os Estados definem os cronogramas de imunização dos seus rebanhos em sintonia com o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Há multa para os pecuaristas que deixam de vacinar. Além disso, há o risco de ocorrência de focos, o que pode afetar diretamente o movimento de animais e a conseqüente produção de carne bovina. Os prejuízos são grandes e para todos. Os preços do boi gordo caem vertiginosamente, afetando a saúde financeira dos projetos pecuários; e o País deixa de exportar, perdendo divisas. **NT**



Propriedade pecuária PRECISA TER BOAS PRÁTICAS

Normas de produção ganham importância em um mercado cada vez mais globalizado.

Em busca da adequação à tendência mundial por alimento seguro e por sistemas de produção que gerem o mínimo impacto socioambiental negativo, além de promover o bem-estar animal, a pecuária de corte no Brasil atravessa período de fortes transformações em todos os elos da cadeia produtiva, em especial da porteira para dentro da fazenda.

A prática desse modelo de criação enquadrado nas normas internacionais do comércio varejista tornou-se o passaporte para a entrada da carne brasileira nos mais exigentes mercados. Estes, em contrapartida, comprometem-se a pagar melhor para os países que oferecem produtos com certificação que ateste não só a sanidade, mas a qualidade e a procedência da carne, atendendo a uma série de requisitos de manejo ligados ao bem-estar animal.

Apesar do custo envolvido na elaboração do pacote inicial da certificação, despesas muitas vezes não previstas no orçamento da propriedade rural, os especialistas são unânimes em afirmar que a pecuária de corte brasileira caminha, inevitavelmente, para esse novo modelo produtivo. E isso trará vantagens competitivas sem

precedentes na história da atividade.

Para Ezequiel Rodrigues do Valle, pesquisador da Embrapa Gado de Corte (Campo Grande, MS), a pecuária de corte brasileira ainda não possui modelo de produção unificado, como já acontece em outras partes do mundo. Segundo ele, em regiões onde a bovinocultura de corte se desenvolve sobre o modelo tradicionalista, extensivo e de baixa produtividade, o pecuarista tende a ser mais reativo as inovações, “o que é aceitável e normal, mas precisa mudar”, diz.

Só que na velocidade como as transformações acontecem no mercado mundial, o produtor que não estiver minimamente familiarizado com essa nova realidade poderá sair do negócio mais cedo do que ele pensa. “É só olhar ao redor e observar que também em outros setores da economia o mesmo já aconteceu”, enfatiza Valle, que chama a atenção para uma classe crescente de pecuaristas empresários rurais, “gente que já observou isso e não perdeu tempo”.

Partindo dos pressupostos acima e conside-

**“PECUÁRIA BRASILEIRA
PRECISA TER MODELO
DE PRODUÇÃO
UNIFICADO, COMO
ACONTECE EM
OUTROS PAÍSES”**

rando que a falta ou o pouco conhecimento sobre administração gerencial e a baixa capacitação dos trabalhadores rurais são realidades bastante presentes no campo brasileiro, em 2005 a Embrapa Gado de Corte elaborou o programa de “Boas Práticas Agropecuárias” (BPA). O programa está baseado na análise de dados colhidos durante o processo produtivo e no registro destes em um banco de dados obrigatório na propriedade.

A partir de setembro de 2006, o BPA passou a ser nacional. Já foram efetuados vários cursos de capacitação de técnicos, objetivando a conscientização dos produtores sobre a importância da adoção desses procedimentos nas propriedades rurais. Neste mês (outubro 2007), a Embrapa Gado de Corte iniciou o processo de implantação do programa na região Sul.

Para o pesquisador da Embrapa Gado de Corte, é de extrema importância a conscientização dos produtores quanto às vantagens econômicas da adoção das normas do BPA, como melhor ganho de peso por animal, melhor rendimento no frigorífico e a melhoria da qualidade da carne (cor, pH, vida útil de prateleira etc). Até porque a cadeia frigorífica passa, agora, a valorizar mais quem tem boas práticas. **NT**



VALLE, DA EMBRAPA GADO DE CORTE, PROCEDIMENTOS AJUDAM A MELHORAR A PRODUTIVIDADE E EFICIÊNCIA

Inovação e sintonia com exigências do mercado

Este é o conceito de trabalho da Tortuga em todas as atividades produtivas. Na avicultura, essa relação é intensa e voltada à excelência.

Referência de eficiência para o mundo todo, o mercado avícola brasileiro iniciou a conquista do lugar de destaque que ocupa no cenário global pela capacidade de produção e pela competitividade frente aos custos dos principais concorrentes. Coisa de profissional, que não tardou a despertar tanto o interesse dos mercados mais exigentes do mundo como as ações para tentar “conter este avanço” com o uso de barreiras não-tarifárias.

A preocupação com a segurança alimentar é realidade, a produção em quantidade para suprir as necessidades de populações cada vez mais numerosas também e a vigência de leis internacionais que regulamentam os modelos produtivos e a utilização de aditivos para a produção formam um trinômio que vem promovendo verdadeira revolução na produção avícola nacional.

Todos esses fatores – e ainda o desenvolvimento genético das aves – conduziram a produção avícola nacional para a era da otimização. Otimizar a produtividade, otimizar a utilização das matérias-primas, otimizar o potencial genético das aves, otimizar as oportunidades de negócios no mercado externo. Esta é a lei do mercado e a agroindústria necessita cada vez mais de ferramentas para se adequar.

A busca de soluções cada vez mais completas para otimizar a produtividade e a rentabilidade da atividade de seus parceiros sempre foi o objetivo principal da Tortuga. Nos 53 anos de atuação no mercado de produção animal, a empresa sempre se destacou por divulgar e fomentar a produção de qualidade, responsável, profissional e rentável.

Entre as ações promovidas pela Tortuga para respaldar este padrão produtivo destacam-se os diferenciais tecnológicos, a prestação de serviços, a pesquisa e a capacitação continuada.

Como diferencial tecnológico, a Tortuga disponibiliza para o mercado avícola nacional um programa nutricional completo focado na utilização, em grande escala, dos minerais orgânicos. A produção nacional destes suplementos de alto valor nutricional possibilitou ao mercado o acesso à substituição dos convencionais óxidos e sulfatos pela tecnologia dos quelatos. É a otimização da mineralização na avicultura.

Como diferencial de prestação de serviços, a Tortuga há três anos promove o programa de treinamento em campo para parceiros da avicultura. Esse programa consiste em realizar periodicamente treinamentos de reciclagem e capacitação de colaboradores de clientes exclusivos com o intuito de

melhorar o padrão técnico/operacional das pessoas diretamente envolvidas na produção. É a otimização da mão-de-obra como ferramenta de eficiência.

Como diferencial de pesquisa, a empresa, como sempre fez ao longo de sua história, procura estar um passo à frente do mercado. Assim foi com o modelo de utilização dos minerais orgânicos na avicultura e assim continua pela busca constante de novas alternativas para o mercado. Ao lado do Complexo Industrial, de Mairinque (SP), desde 2000 funciona o CEA (Centro Experimental Avícola), responsável pelo desenvolvimento de pesquisas específicas em nutrição de aves de corte, postura e reprodutoras, tanto na investigação e comprovação dos benefícios dos minerais orgânicos quanto na busca de novas tecnologias. É a otimização da pesquisa e a garantia de novas alternativas em um futuro próximo.

Como diferencial em capacitação continuada, a Tortuga está engajada nos processos de garantia de origem e qualidade de seus produtos. Foi uma das primeiras empresas do País a certificar-se com o selo BPF (Boas Práticas de Fabricação) nível avançado e, agora em 2007, tornou-se a primeira empresa de nutrição animal do Brasil a conseguir a certificação Nível 3 do programa *Feed & Food Safety* – Sindirações, reconhecido pelas normas EurepGap (União Européia), de garantia de qualidade alimentar. Esta certificação permite aos clientes Tortuga a possibilidade de fechar o ciclo da rastreabilidade, exigido das empresas exportadoras de carne, leite e ovos e necessário para a produção de alimentos seguros. É a busca constante por atender e superar as expectativas do mercado brasileiro e internacional, uma vez que os produtos Tortuga já colaboram com a produção animal em mais de 17 países na América Latina.

Mercado avícola brasileiro e Tortuga, dois exemplos de evolução constante e superação das convenções; dois exemplos de preocupação com a qualidade de vida e a segurança alimentar da atual e das futuras gerações, uma só história.

RODRIGO SILVA MIGUEL
Coordenador de mercado de Avicultura

PESQUISAS DA TORTUGA EM NUTRIÇÃO
POTENCIALIZAM A PRODUÇÃO.
MELHORANDO O RESULTADO
DOS AVICULTORES

APERFEIÇOAMENTO CONSTANTE

Tortuga e Cooperativa Santa Clara (RS) realizam treinamento para potencializar resultados positivos na pecuária leiteira.

Em julho passado, a Tortuga e a Cooperativa Santa Clara (sediada em Carlos Barbosa, RS) consolidaram parceria para melhorar os índices zootécnicos das fazendas de leite dos associados da cooperativa, por meio da capacitação de seus quadros técnicos e utilização do que existe de mais atual na produção láctea.

O primeiro grupo técnico a participar foi composto pela equipe do médico veterinário Kleber Fiori, os técnicos em agropecuária Alex André Visentin, Lorcir Patzlaff, Cedimar Pecatti, Eduardo Rauber e Varcelide Lazaroto.

O treinamento, realizado na Granja Alvorada (Almirante Tamandaré do Sul, RS), propriedade gerenciada por André Van Riel, discutiu tecnologias, formas de produção e o sistema de produção utilizado, o que gerou alternativas e sugestões. O treinamento foi dividido em três módulos:

Apresentação da propriedade - Formulação das dietas utilizadas e demonstrações práticas do arraçamento
Visita às dependências da granja, como silos, piquetes, sistema de cria e recria das novilhas, vacas secas, pré-parto, transição e lactação

Coube ao assistente técnico da Tortuga, Francisco Van Riel, fazer apresen-

tação da propriedade, focando a produção de leite, objeto desse treinamento, com ênfase no sistema de produção de alimentos. Francisco explanou sobre a importância de se produzir alimentos de qualidade e mostrou, na prática, o sistema de pastejo, com suas áreas de trevos branco e vermelho e tifton, a produção de feno e silagem pré-secada de avevém/aveia e a silagem de milho. Todo o sistema tem por objetivo garantir alimento de qualidade para, pelo menos, 14 meses, o que permite reserva para qualquer eventualidade. Com relação ao concentrado, o assistente técnico da Tortuga afirmou que as formulações permitem balancear dietas para alto desempenho. ▶

TREINAMENTO PRÁTICO MOSTRA AOS PRODUTORES E TÉCNICOS ALTERNATIVAS EFICIENTES DE MANEJO



INDICADORES DA GRANJA ALVORADA, EM JUNHO DE 2007

VACAS (TOTAL)	98
VACAS EM LACTAÇÃO	81
IDADE MÉDIA DAS VACAS	4 ANOS
PRODUÇÃO DIÁRIA (LITROS)	2.835
MÉDIA VACA/DIA	35
VACAS EM UMA CRIA	29
VACAS PRÉ-PARTO E SECAS	17
NOVILHAS PRÉ-PARTO	5
PROD. LEITE AOS 305 DIAS/VACA	9.800
% DE GORDURA DO LEITE	3,71
% DE PROTEÍNA DO LEITE	3,15
CCS	212
INTERVALO DE PARTOS PROJETADO	400 DIAS
ÁREA ÚTIL P/ LEITE (ha)	60

A média de produção para vacas com até 150 dias em lactação é de 42 litros/dia, enquanto as primíparas apresentam média de 32 litros/dia, em três ordenhas. A alimentação das vacas em lactação também foi avaliada, e é composta de silagem de milho, silagem pré-secada de azevém, casca de soja, silagem de milho úmido, farelo de soja, Lactobovi Top, bicarbonato de sódio e milho grão, fornecido no sistema TMR (ração total misturada), com 60% das necessidades no cocho. As vacas também têm acesso aos piquetes de azevém e trevo, três vezes ao dia.

Cria e recria – O sistema de criação das terneiras utiliza cabanas e galpão para os dias muito frios e úmidos e sua alimentação é exclusivamente com leite em pó e ração inicial formulada com Boviprima, da Tortuga. O desmame é feito aos 60 dias e, a partir daí, as terneiras são agrupadas em lotes de oito animais e recebem feno à vontade, ração e água até os seis meses, quando passam para a fase de crescimento, sempre agrupadas em lotes, separadas por peso. Nessa fase, consomem 2 kg ração crescimento, composta pelo Novo Bovigold, da Tortuga, mais feno e silagem, buscando ganho de peso próximo a 0,7 kg/cabeça/dia. Quando as novilhas atingem o peso de 380 kg, o que ocorre entre 16 e 18 meses, é feita inseminação artificial, visando, sempre que possível, partos para os meses de março,

abril e maio.

Pré-parto – De 20 a 30 dias antes da parição com dieta aniônica, à base de silagem de milho, ração e Pré-Parto, da Tortuga.

Lactação – As vacas em lactação recebem dieta total no cocho (60% das necessidades) três vezes ao dia, após cada ordenha, e vão aos piquetes duas ou três vezes ao dia. Atenção especial é dada à higiene, durante a ordenha, como forma de minimizar casos de mastite (CCS) e contagem bacteriana (CBT).

Neste módulo, o proprietário, André Van Riel, fez relato dos resultados técnicos e econômicos obtidos nos últimos 12 meses. Destacou a produção por unidade de área, de 14.166 litros/hectare/ano, o que possibilitou ganhos expressivos, maiores até que culturas agrícolas tradicionais, como soja e milho, no último período. André salientou ser esta a atividade do setor agropecuário que melhor remunera a mão-de-obra, projetando para o próximo ano produção superior a 1 milhão de litros na mesma área, elevando para 16.000 litros a produção por hectare/ano.

Trabalhando com metas desafiadoras, o produtor tem por objetivo ultrapassar, em dois anos, os 20.000 litros por hectare/ano e, posteriormente, incluir no seu faturamento a venda de animais (novilhas). André Van Riel salienta que usa o programa de nutrição da Tortuga desde

que iniciou suas atividades na pecuária de leite, em 1990.

Módulo II – Nesse módulo, o supervisor Egon Hruby apresentou produtos do programa de nutrição para bovinos de leite, da Tortuga, e orientou os técnicos quanto à formulação de dietas para pré-parto (dieta aniônica), focando os níveis de potássio das pastagens jovens e em algumas silagens de milho, produzidas de lavouras, que utilizam grande quantidade de fertilizantes, bem como a adubação orgânica.

Destaque à utilização de Lactobovi Top em formulações para vacas de alto desempenho em lactação, em função do seu poder tamponante, considerando que esses animais necessitam de maiores quantidades de grãos em sua dieta.

Foram feitas, ainda, considerações relativas aos níveis de energia, proteína, FDN, FDA e relação volumoso/concentrado, além de exercícios de ajustes de dietas para as diversas categorias animais, utilizando o programa de formulação, da Tortuga. Ao encerrar o treinamento, os participantes tiveram a oportunidade de visitar todas as instalações e piquetes da propriedade (Módulo III).

FRANCISCO VAN RIEL,
Assistente técnico (RS)

EGON HRUBY
Supervisor técnico-comercial (RS)

Qualidade e confiabilidade PADRÃO INTERNACIONAL

A conquista da certificação nível 3 no Programa Feed & Food Safety põe a Tortuga no mais alto patamar de segurança e qualidade na fabricação de suplementos minerais.

O aparecimento do mal da vaca louca na Grã-Bretanha na década de 1990 e de casos de febre aftosa na América do Sul e também na Europa logo depois foi o estopim de uma campanha global em torno da segurança alimentar, envolvendo desde os insumos utilizados na alimentação e saúde dos animais até os produtos finais de origem animal. Essa preocupação chegou ao varejo e, hoje, há regiões inteiras que não admitem receber alimentos sem total rastreabilidade. É o caso da Europa, onde os grupos varejistas foram além e criaram o EurepGap (Euro-Retailer Produce Working Group), certificação de qualidade das mais rigorosas e que engloba um completo raio-x de todos os elos da cadeia produtiva até a chegada do alimento às gôndolas.

Alinhado a essa tendência do comércio mundial de alimentos, o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação (Sindirações), com apoio da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (Asbram) e da Associação Nacional das Indústrias de Fosfatos para Alimentação Animal (Andifós), criou o Programa Feed & Food Safety – Gestão do Alimento Seguro, conjunto de normas para adequação do sistema de produção animal à realidade do EurepGap, possibilitando às empresas certificadas estar credenciadas a atender esse exigente mercado.

São três estágios para chegar ao patamar máximo de segurança e confiabilidade dos

processos de fabricação. O nível 1 envolve as Boas Práticas de Fabricação (BPF), o nível 2 trata da Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle (APPCC) e o nível 3 fecha o circuito com a Certificação com Equivalência Internacional.

As Boas Práticas de Fabricação começaram a ser discutidas pelo Sindirações, em 2000. Três anos depois, as empresas começaram a receber auditorias para certificação, explica Flávia de Castro, coordenadora de qualidade do Sindirações.

Flávia ressalta que o selo BPF é o primeiro passo do longo processo de reconhecimento dos agentes internacionais sobre a confiabilidade da fabricação de produtos de origem animal. As normas aplicam-se a qualquer empresa do segmento de produção animal, desde que essas atendam a determinados requisitos de boas práticas.

O passo seguinte é a certificação HACCP ou APPCC (Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle). Ela é o passo além no processo de certificação para garantia da produção, pois contempla todas as exigências da normativa BPF, além da identificação e avaliação dos perigos presentes no processo de fabricação dos produtos: de sua fabricação até o consumidor final. Dessa forma, o certificado HACCP controla, por meio de inspeções, o passado, o presente e o futuro dos processos de produção.

Flávia de Castro explica que na cadeia da produção de alimentos há perigos e fontes de contaminação não específicos de uma única etapa ou ponto particular do processo. “O controle desses riscos se dá pelos Programas Pré-Requisitos (PPR), que servem de base ao HACCP ou APPCC. “Estabelecimentos que adotam PPRs antes do sistema HACCP mostram significativa melhoria na segurança de seus processos e menor

complexidade na adoção da Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controle”, ressalta a técnica do Sindirações.

Finalmente, o nível 3 – Certificação com Equivalência Internacional, que representa o mais alto degrau em uma extensa lista de conformidades que as empresas precisam atender rigorosamente as exigências do protocolo internacional. Todo esse processo é auditado pelos técnicos da Comissão do Programa Feed & Food Safety (CPFF), que ao final de cada uma das etapas elabora relatórios de conformidade e não conformidades, os quais são encaminhado à Fundação Vanzolini, entidade ligada ao Departamento de Engenharia de Produção da Universidade de São Paulo – instituição reconhecida internacionalmente na área de Certificação de Gestão da Qualidade.

É essa a conquista da Tortuga, a única empresa brasileira de nutrição mineral no Brasil a obter a certificação nível 3. **NT**



EMPRESAS COM PROGRAMAS DE QUALIDADE MOSTRAM SIGNIFICATIVA MELHORIA NA SEGURANÇA DOS SEUS PROCESSOS. EXPLICA FLÁVIA DE CASTRO, DO SINDIRAÇÕES



Noticiário

Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

COMO OBTER LUCRO CRIANDO SUÍNOS

DR. F. FABIANI

O lucro em uma criação de suínos está na dependência de vários fatores, que de acordo com a sua maior ou menor influência podem ser classificados em: Fatores BASICOS e Fatores ACESSORIOS.

A denominação Acessórios, não significa que os fatores assim chamados sejam de ação secundária, pois que, eles influem direta e sensivelmente sobre os resultados da criação, embora seus efeitos dependam, em parte, dos fatores Básicos.

São considerados fatores Básicos: A RAÇA, A SELEÇÃO E A ALIMENTAÇÃO.

A — RAÇA — A raça a ser escolhida deve ter qualidades que permitam transformar o mínimo de alimento no máximo de peso, no menor tempo possível.

Nossas observações práticas nos permitem aconselhar a escolha de animais das raças Duroc e Hampshire inglesa como meio seguro de obter êxito na criação de suínos, pois tanto os animais puros dessas raças como seus mestiços provaram ser muito mais precoces e melhores transformadores de alimento em peso do que as raças nacionais.

B — SELEÇÃO: Independente de outras qualidades, deve-se considerar como fator preponderante para a seleção dos animais a

Boa produção leiteira das porcas. Essa orientação garantirá a obtenção de leitoadas numerosas, uniformes, sadias e precoces.

O controle das leitoadas, quanto ao número e quanto ao desenvolvimento, é medida que se impõe, anotando-se os pesos médios e observando se esses pesos são uniformes e elevados.

Como orientação, lembramos que as raças grandes e precoces, dão facilmente ao desmame, leitoadas de 7 a 8 filhotes com pesos de 16 a 20 kg.

C — ALIMENTAÇÃO: A alimentação deve ser racionalmente dosada, tanto qualitativa como quantitativamente.

1) — QUALITATIVAMENTE

A prática errônea de se colocar à disposição dos porcos ainda que de raças precoces, grande quantidade de ração, traz acentuados prejuízos ao criador quando a ração empregada não é perfeitamente equilibrada em seus componentes essenciais (Proteínas-Minerais-Vitaminas-Gorduras-Hidrocarbonatos), e desconhecendo-se portanto o número de calorías que a ração pode fornecer.

Em geral, as rações usadas têm baixa porcentagem de proteínas de origem animal (carne-peixe-sangue-etc.), bem como de proteínas de origem vegetal (soja-amendoim-linhaça-etc) resultando o seu emprêgo, num bai-

xo rendimento das fêmeas amamentando e, como consequência, nos leitões em desmame e nos capadetes em crescimento.

Para evitar esse inconveniente deve-se utilizar rações com 17% de proteína.

O uso do milho, da mandioca e da cana como único meio de alimentação é contra indicado por estar o teor protéico desses produtos muito abaixo das necessidades dos animais e por ser a proteína neles contida de baixo valor biológico, acentuadamente, insuficiente para suprir as referidas necessidades.

O teor certo de proteínas, minerais e vitaminas na ração garantem até 60 kg, a conversão de 3 kg de ração em 1 de peso, em porcos bem selecionados.

2) — QUANTITATIVAMENTE

Se de um lado, dar grande quantidade de ração mal equilibrada é um erro, igual erro é fornecer ração equilibrada em quantidade insuficiente para as necessidades dos animais, pois isso resultará no prolongamento do tempo de criação e engorda e, portanto, em vultosos prejuízos.

O exemplo abaixo, tirado de experiências por nós realizadas, esclarece de modo positivo nossa afirmativa.

Oito porcos de uma mesma ninhada, pesando aos 6 meses de idade, 60 kg foram divididos em 2 lotes e colocados na ceva.

Ao lote número 1, fornecemos diariamente 2 kg de ração por cabeça.

Ao lote número 2, fornecemos 4 kg.

LOTE Nº 1		LOTE Nº 2	
Peso médio	60 kg	Peso médio	60 kg
Ração por dia	2 kg	Ração por dia	4 kg
Cota perdida por conta de manutenção ±	1 kg	Cota perdida por conta de manutenção ±	1 kg
Cota transformada 1 kg = ± 250 gr peso por dia		Cota transformada 3 kg = ± 750 gr peso por dia	
Aumento por mês	7,500 kg	Aumento por mês	22,500 kg

Aos 8 meses de idade obtivemos

Peso inicial — ..	60,000 kg	Peso inicial — ..	60,000 kg
" no 7º mês ±	7,500 kg	" no 7º mês ±	22,500 kg
" no 8º mês ±	7,500 kg	" no 8º mês ±	22,500 kg
Peso médio aos 8 meses — ...	75,000 kg	Peso médio aos 8º mês — ...	105,000 kg

Consideramos, para o cálculo do rendimento, a Cota de manutença como perdida, porque ela corresponde a quantidade de ração que o porco gasta para as suas exigências vitais (digestão-respiração-circulação-produção de calor para manter a temperatura do corpo, movimentos, etc.) e que portanto não é transformada em peso.

Verifica-se pelos dados constantes do quadro acima, que embora no início da ceva, o peso médio dos porcos dos dois lotes fosse o mesmo, isto é, 60 kg., os componentes do 1º lote, que receberam apenas 2 kg de ração por dia só alcançaram o peso de matança após 6 meses de ceva, enquanto que os animais do lote nº 2, que receberam 4 kg de ração por dia atingiram o peso ideal em apenas 2 meses consumindo 120 kg de ração a menos que os do 1º lote.

Esses 120 kg de ração gastos a mais com os animais do 1º lote, representam prejuízos, uma vez que essa ração foi inteiramente perdida, representando em cruzeiros a importância de Cr\$ 1.560,00 por cabeça, pois 120 dias a Cr\$ 13,00 (quilo de ração) por dia = Cr\$ 1.560,00.

Acrescentando a esse prejuízo as despesas decorrentes de mais 4 meses de mão de obra, uso das instalações, juros do capital empatado, etc. pode-se perfeitamente avaliar quais os reais e vultosos prejuízos que uma criação mal orientada pode causar.

Analizados, os fatores básicos, teceremos algumas considerações sobre os fatores **Acessórios** que estão consubstanciados em conselhos práticos para as várias fases de criação de suínos.

Antes da parição: A porca deverá ser recolhida na maternidade, com 10/15 dias de antecedência. A baía deve estar limpa e desinfetada e a porca deve ser lavada com água e sabão, principalmente na região das tetas.

A alimentação deverá ser modificada para o tipo de porcas amamentando, em quantidade não muito elevada, especialmente se a porca for gorda.

No dia da parição: Reduzir a alimentação farelada a mais ou menos 1 kg. por dia, fornecendo capim verde e mole à vontade. Se houver leite desnatado coloque-o no bebedouro.

Aconselhamos ao criador participar da parição, separando os recém-nascidos e colocando-os em uma cesta com palha.

Ao colocar os leitões para mamar, aguarde até que a porca se livre da placenta, pois, atormentada pelas dores, ela facilmente os esmagara.

Ao término da parição, é conveniente administrar a parturiente uma injeção de antibiótico a fim de evitar possíveis infecções.

Quanto aos leitões, deve-se cortar e desinfetar o umbigo com iodo e cortar as presas com alicate especial.

Para os leitões mais fracos, pode-se administrar **Vitagold** na dosagem de 1/2 cc (10 gotas) por via oral o que garantirá rápida recuperação e no final, 3 kg a mais que os outros que não recebem tal tratamento.

Deve-se deixar com a porca um número de leitões igual ou menor que o número de tetas produzindo e cuidar para que a porca se deite em lugar limpo e seco.

A tiquetagem pode ser feita tanto no primeiro dia como mais tarde, quando se pode ter certeza de que os animais não podem se misturar.

PRIMEIRA SEMANA:

Aumentar gradativamente a ração da porca, fornecendo verde à vontade.

Se aparecer diarreia nos leitões, deve-se reduzir a alimentação da porca e administrar à mesma um purgante salino (100gr. de sulfato de sódio ou de magnésio numa garrafinha d'água).

Quando a causa da diarreia for a anemia dos leitões, dever-se-á molhar as tetas antes dos leitões mamar, com a seguinte solução:

Sulfato de ferro 1%
Sulfato de cobre 0,1%

Poder-se-á também empregar a seguinte composição:

20 partes de ferro reduzido
0,2 " de sulfato de cobre
4 " de sulfato de manganês
em 200 partes de xarope gomoso.

Essa mistura será ministrada na boca dos leitões em dias alternados (1 colherinha de chá).

Se o curso for de origem bacteriana, aconselhamos administrar a cada leitão, 1 drágea de **Quemice-tina** 250 mgs.

Se nesta idade ou mais tarde aparecem casos de Pneumonia Batedeira ou Gripe dos leitões, aconselhamos a aplicação de **Quemice-tina** injetável na dosagem de 1cc para cada 10 kg de peso vivo.

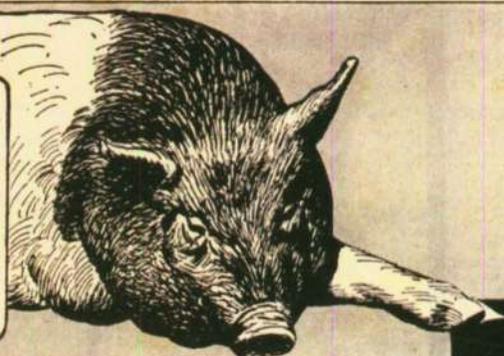
Nos casos mais agudos ou que foram descuidados, deve-se dar essa dosagem em dobro.

O **Vitagold**, nesses casos, na dosagem de 1cc em dias alternados age como poderoso coadjuvante na rápida recuperação.

A partir de 12 a 15 dias:

Fornecer aos leitões a vontade e a disposição durante as 24 horas, a mesma ração que a da porca, porém em côcho separado de forma a não ser atingido pelas mesmas.

SECÇÃO TÉCNICA DA TORTUGA



suínos

Se possível, os leitões deverão tomar algumas horas de sol em piquetes gramados a eles reservados e que tenham comunicação direta com as maternidades. Caso isso não seja possível, deve-se jogar na maternidade algumas pás de terra virgem (rica em humos); quando o leitão começa a comer tem que dispor de água a vontade.

Dos 30 aos 60 dias:

Processar-se-á ao desmame aumentando consequentemente a necessidade alimentar dos leitões.

Aos 60 dias: Desmame — Neste tempo a porca será completamente separada dos leitões e passará a receber ração diferente (a de todos os porcos).

Deverá ser aplicado o vermífugo (Citrato Tetrahidrato de Piperazina) na dosagem de 2,8 gr. para cada 8 kg. de peso vivo em 2 litros de água, seja para os leitões, seja para a porca que os desmamou. Continua a mesma alimentação para os leitões "a vontade". Vacinar os leitões e revacinar a porca contra a peste suína.

Aconselhamos aplicar a "Cristal Violeta" na forma intramuscular.

Aos 90/100 dias: Mudança do regime de alimentação; usar ração de crescimento ou a ração para todos os porcos. Nesta época deverá ser feita a castração dos machos destinados a engorda e a separação dos machos e das fêmeas destinados a reprodução.

Crescimento: Sobretudo para os animais destinados a engorda, aconselhamos, que a ração seja dada 2 vezes por dia (de manhã e de tarde) no sistema confinado, e uma só vez, no sistema extensivo quando os porcos gozarem de suficiente pastoreio. Sobretudo, porém, no primeiro caso é indispensável que possam ingerir grandes quantidades de alimentos verdes a fim de favorecer a dilatação da superfície de absorção intestinal.

O verde indicado deveria ser a alfafa pois é a que melhor tem provado. Contudo, dadas as dificuldades de seu cultivo, experimentamos o milho verde sem fibra, que nos deu ótimo resultado.

Para termos no entanto esse tipo de verde seguidamente, adotamos a seguinte prática. Semeamos o milho em fileiras de 50 a 60 cms. em diferentes faixas de terreno e em diferentes tempos (10 a 15 dias de intervalo). Quando a primeira plantação atingir 35 a 40 cms. de altura, efetuamos o corte, agindo do mesmo modo com as outras assim que atinjam o porte ideal. Conseguimos dessa maneira ter sempre milho verde sem fibra em diferentes épocas e em quantidade suficiente para a porcada.

Quem não possuir irrigação poderá colher esse verde no mesmo terreno, 3-4 vezes ao ano no tempo das chuvas. Se dispuser de irrigação conseguirá obtê-lo o ano inteiro.

Para se conseguir um melhor aproveitamento, deve-se colocar o milho verde em manjedouras do tipo para equinos a fim de evitar que os porcos a pisoteiem.

A par de ser grandemente apetecível aos porcos, esse verde proporciona o menor desgaste de ração (até 50%), com ótimo resultado para o crescimento e para a ginástica funcional do tubo intestinal.

Idade de entrada na ceva: Considerando-se as raças criadas e o sistema adotado, poderá começar aos 5 ou 9 meses — Nunca depois — desta última idade. Antes da mudança de regime de alimentação (ração de engorda) é imprescindível tratar os porcos com vermífugo na mesma dosagem antes citada para o desmame.

Ultimo período na ceva: Provocar um aumento de consumo de ração mudando o paladar da mesma através de umedecimento com garapa de cana, leite desnatado ou água em rações alternadas com a ração seca.

Animais destinados a reprodução: As marrãs não deverão ser cobertas antes dos 9 meses de idade, ou nas raças européias, antes dos 100 kg de peso vivo. Os cachaços poderão começar a servir com 8-9 meses com coberturas espaçadas no máximo 1 - 2 porcas por semana enquanto não alcançarem o desenvolvimento completo.

A integração vitamínica com "Vitagold", desde o primeiro dia de vida, torna os leitões fortes e sadios, preparando-os para receber, já no 10º ou 15º dia de existência, o alimento seco (rações). Com 60 dias de vida, os animais, que contaram com essa suplementação, acusam 10 a 12 quilos (raças nacionais) ou 16 a 20 quilos (raças estrangeiras ou mestiços). Por isso, já que o bom resultado na suinocultura depende da baixa mortalidade e do bom desenvolvimento dos leitões, a suplementação vitamínica com "Vitagold" constitui o recurso mais econômico para a consecução desse objetivo, pois, com a insignificante despesa de Cr\$ 40,00 a Cr\$ 50,00, por cabeça, se garantem desenvolvimento rápido, vigor e baixa mortalidade.

DOSES

Leitões de 1 a 30 dias — 1/2 cc. dado na bôca, em dias alternados.

Leitões de 30 a 60 dias — 1 cc. dado na bôca, em dias alternados.

Porcas e cachaços depauperados — 5 cc. em dias alternados, durante um mês.

Capadetes fracos — 3 cc. em dias alternados, durante um mês.

ATENÇÃO

A par das instalações, que devem obedecer as normas ditadas pela moderna técnica (vide ante-projetos de maternidades, cevas e piquetes na última página), deve-se observar ainda uma série de medidas a saber: Limpeza perfeita dos bebedouros e comedouros. Cal nos corredores.

Quando fizer muito calor e não houver água corrente, colocar um pouco de cal virgem nos bebedouros. Efetuar o tratamento contra piolhos.



INTERNACIONAL

**A TORTUGA ALCANÇOU
UM NOVO PATAMAR.
FOI PRECISO UM
TRABALHO DE ALTO NÍVEL.**

ASSISTÊNCIA E ATENDIMENTO

PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

CONTROLE DE QUALIDADE

MATÉRIA-PRIMA

PESQUISA & DESENVOLVIMENTO

CORPO TÉCNICO E COMERCIAL

QUALIDADE E
RESULTADO
PARA OS
CRIADORES



**Trabalho bem feito sempre foi o ideal da Tortuga.
A recompensa é o sucesso de nossos clientes.**

A Tortuga desde sua criação, em 1954, tem como compromisso entregar o melhor para seus clientes. Desde a seleção das matérias-primas ao rigoroso controle de qualidade nos processos produtivos, a Tortuga não mede esforços para pesquisar e desenvolver novas tecnologias que geram resultados. Por isso, a empresa é a única certificada pelo Programa Feed&Food Safety com o selo Nível 3 na produção de suplementos minerais. Um feito inédito no mercado.

Veja o resultado. Use Tortuga.



NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL

Ligue: 0800 011 62 62
www.tortuga.com.br